

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Adalberto Leandro da Conceição

A CONTRIBUIÇÃO DOS PRESSUPOSTOS REFORMACIONAIS
DOOYEWEERDIANOS PARA UMA INTERAÇÃO ENTRE COSMOVISÃO CRISTÃ E
TEORIA QUEER

São Paulo

2023

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Adalberto Leandro da Conceição

A CONTRIBUIÇÃO DOS PRESSUPOSTOS REFORMACIONAIS
DOOYEWEERDIANOS PARA UMA INTERAÇÃO ENTRE COSMOVISÃO CRISTÃ E
TEORIA QUEER

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos. Orientador Professor Dr. Filipe Fontes.

São Paulo

2023

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C744c Conceicao, Adalberto Leandro Da.
A contribuição dos pressupostos reformacionais dooyeweerdianos
para uma interação entre cosmovisão cristã e teoria queer : [recurso
eletrônico] / Adalberto Leandro da Conceicao.
505 KB ;

Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana
Mackenzie, São Paulo, 2023.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Filipe Fontes.
Referências Bibliográficas: f. 55-58.

1. Cosmovisão Cristã. 2. Teoria Queer. 3. Filosofia Reformacional.
4. Herman Dooyeweerd. I. Fontes, Filipe, *orientador(a)*. II. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Adalberto Leandro da Conceição

A CONTRIBUIÇÃO DOS PRESSUPOSTOS REFORMACIONAIS
DOOYEWEERDIANOS PARA UMA INTERAÇÃO ENTRE COSMOVISÃO CRISTÃ E
TEORIA QUEER

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, (MDiv) na área de Estudos Históricos-Teológicos. Orientador Professor Dr. Filipe Fontes.

Aprovação: 08 / 12 / 2022

Orientador: Professor: Dr. Filipe Fontes.

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Adalberto Leandro da Conceição

Programa: Magister Divinitatis, MDiv.

Título do Trabalho: A contribuição dos pressupostos dooyeweerdianos para uma interação entre cosmovisão cristã e teoria queer

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente a todos que possibilitaram a realização dessa pesquisa e desse curso. Não foram poucos os momentos de dúvidas, angústias e receio. Mas, até aqui nos ajudou o Senhor. Primeiramente, a ele todo louvor, honra e glória.

Em segundo lugar, agradeço à minha amada esposa, Bruna. Suas orações e encorajamento foram um acalento extremamente valioso na jornada. Sem você, eu não teria nem mesmo dado o primeiro passo. Agradeço a Deus por sua vida e seu companheirismo.

Agradeço também à minha mãe, Nilda, por ter me conduzido nos caminhos do Senhor desde a tenra idade. Agradeço aos amigos Jéssica, Eliézer, Adelma e João pelo incentivo até aqui e por suas orações.

Aos irmãos da Congregação Presbiteriana Nova Aliança em Campinas-SP, em especial, aos amigos Anderson e Jhone, muito obrigado pela ajuda e por dividirem as cargas comigo.

Aos professores do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, obrigado por sua dedicação a nos ensinar e por seu exemplo de fidelidade à Palavra.

Ao Rev. Filipe Fontes, por sua dedicação ao departamento de teologia filosófica, pelo ensino precioso nos módulos durante o curso e por me orientar na produção desta pesquisa, muito obrigado.

*Assim como no ego humano todos os aspectos de nossa existência e experiência temporal encontram seu ponto de referência central, assim também o mandamento do amor é a unidade central de todas as diferentes ordenanças de Deus para o mundo temporal.
(Herman Dooyeweerd)*

ABSTRACT

This research aims to consider the assumptions of the philosophy of the cosmomic idea and its contribution to a dialogue between the Christian worldview and queer theory. Through a bibliographic research, it seeks to describe the Dooyeweerdian assumptions and their importance for the Christian worldview, especially with the biblical concept of heart. Then, elements of the thought of the LGBTQIAPN+ movement will be analyzed, especially queer theory and the influence of Michel Foucault and Judith Butler, and how the theory is characterized as a proposal for a worldview. Finally, a comparison will be made between the Christian worldview and queer ideology, identifying the linguistic aspect as a version of the heart in queer thinking and an absolutization of the historical aspect in its worldview.

RESUMO

Esta pesquisa visa considerar os pressupostos da filosofia da ideia cosmonômica e sua contribuição para um diálogo entre a cosmovisão cristã e a teoria queer. Mediante uma pesquisa bibliográfica, ela procura descrever os pressupostos dooyeweerdianos e sua importância para a cosmovisão cristã, especialmente com o conceito bíblico de coração. Em seguida, serão analisados elementos do pensamento do movimento LGBTQIAPN+, especialmente a teoria queer e a influência de Michel Foucault e Judith Butler, e de que modo a teoria se caracteriza como uma proposta de visão de mundo. Por fim, será feita comparação entre a cosmovisão cristã e a ideologia queer, identificando o aspecto linguístico como uma versão do coração no pensamento queer e uma absolutização do aspecto histórico em sua visão de mundo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A FILOSOFIA DA IDEIA COSMONÔMICA: o veio dos pressupostos dooyeweerdianos	12
1.1 O projeto de Herman Dooyeweerd	12
1.2 O caráter religioso do pensamento teórico	12
1.3 A crítica transcendental	13
1.4 A Filosofia da Ideia Cosmonômica.	14
1.5 Os tipos de pensamento e a relação gegenstand.	15
1.6 Os aspectos modais da realidade.	17
1.7 O conceito bíblico de coração.	19
2 A IDEOLOGIA LGBTQIAPN+	24
2.1 A sigla LGBTQIAPN+.	24
2.2 Definições de orientação sexual e gênero.	25
2.3 A busca por influência na sociedade e teoria queer	26
2.4 Michel Foucault e a história da sexualidade	27
2.5 Foucault e a Teoria Queer	31
2.6 As reivindicações do movimento queer	33
2.7 Judith Butler e os problemas de gênero	34
2.8 A performatividade de gênero e o sujeito queer	37
3 A FILOSOFIA DA IDEIA COSMONÔMICA E A TEORIA QUEER	40
3.1 Ideologias e a cosmovisão cristã	40
3.2 Poder e verdade	41
3.3 O motivo religioso básico natureza e liberdade	43
3.4 Teoria queer e os aspectos modais	46
3.5 O coração e a Imago Dei	47
3.6 O motivo básico bíblico e a performance cristã	50
CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propõe a abordar os pressupostos reformacionais de Herman Dooyeweerd e sua importância para a cosmovisão cristã. Em seguida, investigaremos a Teoria Queer para entender as estruturas de sua ideologia e seus pressupostos enquanto cosmovisão. Por fim, refletiremos a respeito da contribuição que os pressupostos reformacionais dooyewerdianos podem fornecer para uma leitura da Teoria Queer.

Segundo Sam Allberry, a homossexualidade atualmente se refere a mais que a orientação sexual de alguém. Ela se refere à identidade e estilo de vida.¹ Ademais, atualmente é possível perceber a influência das ideologias LGBTQIAPN+ na arte, em livros, filmes, política e ciências. Tais evidências demonstram a necessidade de investigar o movimento e sua cosmovisão. Mencionamos aqui ideologias LGBTQIAPN+ no plural. Carl Trueman afirma que o movimento LGBTQIAPN+ não é unívoco, mas é constituído por diferentes grupos, com pensamentos diferentes, no entanto, ainda há conceitos e fundamentos que os mantêm unidos, seja por conveniência ou por circunstâncias em particular².

Sendo assim, essa pesquisa explora as raízes que influenciaram o movimento LGBTQIAPN+, em especial as obras de Michel Foucault e Judith Butler. Será dada atenção especial à Teoria Queer, com ênfase às suas propostas de interpretação da realidade. Por fim, refletiremos sobre como os pressupostos de Herman Dooyeweerd podem contribuir para a análise e leitura da Teoria Queer a partir de uma cosmovisão cristã reformada. Realçaremos a importância do conceito bíblico de coração e investigaremos se há na ideologia Queer algum equivalente ou uso desse conceito.

A pergunta que norteou esse estudo foi: em que medida os pressupostos reformacionais dooyewerdianos podem contribuir para uma leitura da cosmovisão cristã e da Teoria Queer?

O objetivo geral é analisar como a Filosofia da Ideia Cosmonômica de Dooyeweerd pode contribuir para o contato entre cosmovisão cristã e a Teoria Queer. Não buscamos exaurir o tema. Partindo do objetivo geral, elaboramos os seguintes objetivos adjuvantes:

1) Descrever os principais conceitos da filosofia reformacional de Dooyeweerd; em especial o conceito de coração; 2) Investigar os autores e textos do movimento

¹ ALLBERRY, Sam. *Deus é contra os homossexuais?: a homossexualidade, a Bíblia e a atração por pessoas do mesmo sexo*. Trad. Caio Vidigal e Rogério Portella. Brasília, DF: Monergismo, 2018. p. 14.

² TRUEMAN, Carl. R. *Strange New World: How Thinkers and Activists Redefined Identity and Sparked the Sexual Revolution*. Wheaton, IL: Crossway, 2022. Edição do Logos. p. 129.

LGBTQIAPN+, em especial da Teoria Queer. 3) Comparar os pressupostos dooyeweerdianos e os pressupostos da Teoria Queer.

Na realização deste estudo, empregaremos a pesquisa bibliográfica e documental por ser uma técnica significativa da abordagem qualitativa.

Algumas questões e hipóteses abordadas são: A Teoria Queer é uma proposta de cosmovisão? Quais são os conceitos fundamentais dessa cosmovisão? Como ela se relaciona com a cosmovisão cristã? Há nela um equivalente do conceito bíblico de coração? Os pressupostos reformacionais de Herman Dooyeweerd podem contribuir para compreensão e interação entre a cosmovisão cristã e a Teoria Queer.

A fim de atender os objetivos da pesquisa, dividiremos o trabalho em três capítulos. No primeiro, apresentaremos o cerne da filosofia da ideia cosmonômica de Dooyeweerd. Será dada ênfase aos aspectos modais, o conceito de coração e sua influência para os estudos de cosmovisão cristã. O segundo capítulo descreve as principais características do movimento LGBTQIAPN+. O pensamento de Foucault e Butler será apresentado, bem como sua influência na Teoria Queer. O terceiro capítulo reunirá elementos dos dois primeiros em uma tentativa de leitura e comparação entre a filosofia da ideia cosmonômica e a teoria queer, averiguando possíveis similaridades e diferenças.

1 A FILOSOFIA DA IDEIA COSMONÔMICA: o veio dos pressupostos dooyeweerdianos

A filosofia da ideia cosmonômica³ trouxe importantes contribuições para o conceito de cosmovisão cristã e para a interação dela com outras filosofias⁴. Este primeiro capítulo tem o intuito de descrever elementos centrais desse sistema filosófico.

1.1 O projeto de Herman Dooyeweerd

Em seus projetos, Dooyeweerd⁵ esforçou-se para combater um axioma histórico da filosofia: o dogma da autonomia do pensamento filosófico. Sua obra *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental*⁶ é um estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. Em outras palavras, a crença de que a razão é pura, neutra, autônoma e sem raízes religiosas. Ele argumentou que todo pensamento teórico, em última instância, é fundamentado em compromissos pré-teóricos e suprateóricos. Esses elementos funcionam como a condição de possibilidade para a teoria⁷.

Sendo assim, o renomado autor combateu a ideia de que a razão é livre e suficiente para determinar todos os elementos da realidade. Seu pensamento é útil para analisar toda filosofia baseada neste dogma que persiste ainda hoje. Para ele, a racionalidade é apenas um dos aspectos pelos quais se experimenta o mundo. Ela não é autônoma e independente.

1.2 O caráter religioso do pensamento teórico

Há algo anterior à razão (pensamento teórico). Smith diz que Dooyeweerd acompanha Calvino e Agostinho, ao afirmar que o ser humano tem um impulso religioso inato do ego⁸. Esse impulso o move a buscar uma relação com o absoluto, seja esse absoluto o Criador ou algum outro “absoluto” imaginado e produzido pelo ego. Portanto, o impulso religioso é estrutural ao ser humano, no entanto, a direção dada ao impulso pode ser bíblica ou apóstata⁹.

³ Filosofia da ideia cosmonômica, filosofia da ideia de lei e filosofia reformacional são alguns dos nomes pelos quais a filosofia desenvolvida por Herman Dooyeweerd, com auxílio de Dirk Vollenhoven, ficou conhecida.

⁴ NAUGLE, David K. *Cosmovisão: a história de um conceito*. Trad. Marcelo Herberts. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017. p. 54.

⁵ Para conhecer mais sobre a biografia e a obra de Herman Dooyeweerd, cf. VERBURG, Marcel. *Herman Dooyeweerd: The life and work of a Christian Philosopher*. Ontario: Paideia Press, 2015.

⁶ DOOYEWEERD, Herman. *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. Trad. Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018. p.26-27.

⁷ SMITH, James K.A. *in* DOOYEWEERD, 2018. p.26-27.

⁸ SMITH, *in* DOOYEWEERD, 2018, p. 27-29.

⁹ Sobre Estrutura e Direção, cf. WOLTERS, Albert M. *A Criação Restaurada: A base bíblica da cosmovisão reformada*. Trad. Denise Meister. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2019. Estrutura é uma característica moldada pelo Criador na criação que não pode ser tirada ou alterada. Direção é a “utilização” dada a algo criado. Portanto, a estrutura não pode ser alterada, mas a possibilidade de direção é variável. O conceito de estrutura e direção aprofundado por Wolters é muito similar ao conceito de Normas e Leis desenvolvido por Dooyeweerd, cf. DOOYEWEERD, 2015, p. 85-87.

Naugle salienta que a condição religiosa é determinante em toda atividade teórica e todo empreendimento cultural. O fator religioso tem, inclusive, função mais relevante do que as cosmovisões, pois as condiciona e orienta¹⁰. Jacob Klapwijk diz:

Dooyeweerd não conclui que toda filosofia e toda teoria são necessariamente pré-condicionadas pela herança histórica e cultural de alguma cosmovisão. Em vez disso conclui que a única (e necessária) pré-condição da filosofia e da teoria são as condições e compromissos últimos do coração humano, que caiu em pecado, o qual ou ainda está nessa condição, ou foi renascido e restaurado pelo Espírito de Deus. Assim, não existe nenhum pluralismo histórico de cosmovisões na base da filosofia e da teoria, mas apenas dois motivos-base "religiosos" em oposição antitética. Essa antítese "religiosa", por exemplo, de homem convertido a Deus versus homem desviado de Deus, é decisiva para toda a vida e todo o pensamento.¹¹

Portanto, em tudo que se faz há um compromisso religioso, inclusive na atitude teórica. Essa característica é estrutural e inevitável. Klapwijk indica que, em suma, há apenas dois motivos religiosos: (a) o cristão e (b) os outros, que são opostos ao primeiro. Essa oposição recebe o nome de antítese religiosa. No pensamento dooyeweerdiano, a idolatria é o desvio do anseio pelo absoluto de sua direção original dada pelo Criador. Os ídolos são a absolutização de um aspecto da criação para tentar dar sentido à realidade, substituindo o Criador por algo criado.¹² Contudo, mesmo na idolatria, percebe-se a estrutura central religiosa do ser humano.

O impulso religioso inato do ego em que sua relação central com a Origem divina encontra expressão toma seu conteúdo em motivo básico religioso como poder espiritual central de nosso pensamento e ação. Se esse motivo básico é de caráter apóstata, ele distanciará o ego de sua Origem verdadeira e direcionará seu impulso religioso para nosso horizonte temporal de experiência, buscando dentro deste tanto a si mesmo quanto a sua origem.¹³

O motivo base religioso é o ponto que a filosofia tem ignorado ao alegar-se autônoma e neutra, resultando em uma crise e desestabilização. Por fim, ela apresentará inconsistências com a realidade e a maneira de experimentá-la. Para solucionar as tensões, a filosofia absolutizará certos aspectos, no entanto, sem conseguir fazer jus à realidade que experimenta.

1.3 A crítica transcendental

A filosofia de Dooyeweerd é o desenvolvimento de uma crítica transcendental¹⁴ que visa a atitude teórica do pensamento como tal. Busca penetrar as raízes e pressuposições

¹⁰ NAUGLE, 2017, p. 54.

¹¹ KLAPWIJK, J. "On Worldviews and Philosophy", *apud* NAUGLE, 2017, p.54.

¹² SMITH *in* DOOYEWEERD, 2018, p. 29.

¹³ DOOYEWEERD, 2018, p.75.

¹⁴ Transcendental é diferente de transcendente. Crítica transcendente não visa conhecer as estruturas, mas ocorre quando uma disciplina critica outra disciplina a partir de sua própria perspectiva, por exemplo, criticar a filosofia a partir de pontos de vista teológicos.

fundamentais do pensamento teórico, a fim de descobrir quais são as condições de possibilidade requeridas pela própria natureza e estrutura interna do pensamento¹⁵. Sua crítica visa encontrar os limites do pensamento teórico ou filosófico.

Portanto, a crítica transcendental possibilita a análise das raízes do pensamento e suas motivações. E por extensão, pode ser aplicada a cosmovisões, desvelando o que está por trás dos argumentos e quais dogmas sustentam as estruturas internas de uma ideologia. Desse modo, é possível trazer à luz pressupostos tidos como axiomas por certas filosofias, mas que não foram validados criticamente e que só se sustentam pela fé. Embora, seja possível que a própria cosmovisão ou ideologia esteja cega para o aspecto de fé que a motiva.

Guilherme Braun Jr. faz uso desse conceito na apologética:

Um apologista reformado deve ser mais crítico ao desafiar a autonomia do pensamento teórico, mostrando que isso pressupõe convicções suprateóricas. Portanto, a crítica transcendental de Dooyeweerd deve ser integrada à apologética [...] as quais ajudam a descobrir a desordem e as tensões dialéticas causadas por motivos básicos apóstatas.¹⁶

Portanto, a crítica transcendental tem relevância no ambiente acadêmico e cristão e fornece uma metodologia para analisar e interagir com outras cosmovisões e ideologias. Essa crítica visa ser honesta em suas análises, identificando a natureza interna das cosmovisões e a motivação religiosa que subjaz à teoria.

1.4 A Filosofia da Ideia Cosmonômica.

O que seria a Filosofia da Ideia Cosmonômica e de que maneira ela descreve a realidade? Segundo Kalsbeek, toda pessoa pode perceber uma regularidade no funcionamento do universo, como as estações, o ciclo da lua e etc. Pode-se ver uma ordem da realidade, perceptível até mesmo na experiência ingênua¹⁷, sem o uso de análises lógicas e racionais. A experiência ingênua fornece uma imagem do universo e de qual lugar a pessoa ocupa nele¹⁸.

O filósofo, por outro lado, busca entender a estrutura do cosmos de maneira sistemática, para descrevê-la. Ele busca o princípio orientador do cosmo. K.J. Popma diz que

¹⁵ DOOYEWEERD, 2018, p. 45, 99, 101.

¹⁶ BRAUN JUNIOR, Guilherme. *Um método trinitário neocalvinista de apologética: Reconciliando a apologética de Van Til com a filosofia reformacional*. Brasília, DF: Academia Monergista, 2019. p.38.

¹⁷ Experiência ingênua, também chamada de atitude pré-teórica ou experiência ordinária. É o modo como encontramos o mundo em nossa experiência cotidiana. Não há nessa atitude a relação antitética entre o aspecto lógico e os não lógicos. cf. SMITH, J. in DOOYEWEERD, 2018, p. 35.

¹⁸ KALSBECK, L. Contornos da filosofia cristã: A melhor e mais sucinta introdução à Filosofia Reformada de Herman Dooyeweerd. Trad. Rodrigo Amorim de Souza. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2015. Edição do Kindle. pos. 1480-1486.

"Filosofar é discernir a estrutura da criação e descrever sistematicamente, i.e., em uma ordem lógica, o que está sujeito a essa estrutura"¹⁹. Kalsbeek comenta:

Dooyeweerd argumenta que todo sistema filosófico é baseado em algum tipo de ideia de lei, ou "ideia cosmonômica", quer o próprio filósofo explique ou não, ou até admita ou não. Em sua discussão sobre o trabalho de outros filósofos, Dooyeweerd tenta trazer suas ideias de lei à luz. Em suas exposições ele fornece um relato detalhado da ideia de lei governando seu próprio sistema filosófico. Graças à sua profunda preocupação em reconhecer esta ideia de lei, ele caracterizou seu sistema filosófico denominando-o a Filosofia da Ideia Cosmonômica.²⁰

Em cada filosofia há uma ideia de ordem que explica a estrutura e a coerência da realidade. Essa ideia de lei se constrói e é orientada a partir de um ponto de partida, ao qual Dooyeweerd chama de ponto arquimediano²¹. Esse ponto proporciona um ângulo, a partir do qual, se poderia observar todas as coisas na perspectiva correta. Seria um ponto de apoio para obter uma visão de conjunto da realidade, compreendendo seu sentido. Para a filosofia tradicional, o ponto arquimediano do conhecimento seria a razão. Para Dooyeweerd, o ponto de apoio é o coração humano, do qual a racionalidade é apenas uma de suas funções²².

A crítica dooyeweerdiana confronta primeiramente a aceitação da autonomia do pensamento filosófico teórico como juiz supremo em matérias de verdade ou falsidade. Para Dooyeweerd, tal dogma foi aceito sem que houvesse um exame crítico da estrutura interna da própria atitude teórica. Ao investigar a natureza interna do pensamento teórico, ele se propõe a descobrir se tal autonomia é requisito fundamental da natureza interna da atitude teórica como uma condição de possibilidade intrínseca²³.

1.5 Os tipos de pensamento e a relação *gegenstand*.

Inicialmente, ele demonstra que a racionalidade é insuficiente para ser o ponto arquimediano do pensamento. Pois, seria o pensamento apoiando-se em si mesmo. Em seguida, ele passa a demonstrar quais são as características de três diferentes modos ou atitudes do pensamento, que ele nomeia (a) atitude pré-teórica, (b) atitude teórica, (c) nível suprateórico²⁴. Percebe-se que o pensamento nem sempre é teórico. Há um nível anterior à atitude teórica e um horizonte que transcende o alcance teórico. Portanto, há dois tipos de experiência cognitiva que são diferentes entre si.

¹⁹ POPMA, K.J. *Inleiding in de Wijsbegeerte*. Kampen: 1956, p.94. *apud* KALSBECK, 2015, pos. 824.

²⁰ KALSBECK, 2015, pos. 1521. Edição do Kindle.

²¹ *Ibid.*, pos. 1528.

²² WOLTERS, A; CARVALHO, G. *in* DOOYEWEERD, 2018. p.264.

²³ DOOYEWEERD, 2018, p. 45.

²⁴ *Ibid.*, 2018, p. 44.

A atitude pré-teórica é a atitude ordinária ou ingênua. É o modo como o indivíduo encontra o mundo em sua experiência cotidiana²⁵. Nela, ele se relaciona com objetos e pessoas nas estruturas típicas de totalidades concretas: a árvore, a mesa, o carro. As coisas funcionam em todos os aspectos modais do horizonte de experiência em sua mútua coerência contínua. Os diferentes aspectos são experimentados implicitamente nas próprias coisas e acontecimentos. Não há nessa atitude, a relação antitética entre o aspecto lógico e os não lógicos²⁶. Aqui a função lógica permanece imersa na continuidade da coerência temporal entre os diferentes aspectos. A atenção do indivíduo não está direcionada às abstrações como na experiência científica. A experiência ordinária deixa intacta a coerência estrutural integral do horizonte de experiência. O nível suprateórico é aquele que ultrapassa os limites do pensamento teórico e é o campo dos compromissos de fé²⁷.

Na atitude teórica, por outro lado, abstrai-se algo da experiência ordinária e reflete-se sobre a experiência e um modo específico dela. Não se consideram as coisas como realidades concretas. Por ser uma abstração da experiência cotidiana, essa atitude de pensamento é em certo sentido "não-natural", de caráter sintético e passível de revisão²⁸. Dooyeweerd salienta que todo pensamento teórico está fundamentado em atitudes pré-teóricas e compromissos supra-teóricos. Essa atitude está limitada ao horizonte temporal da experiência humana e se move neste horizonte²⁹. A teoria nunca pode prescindir da experiência ingênua, pois, na atitude teórica de pensamento, o aspecto lógico é oposto às modalidades não lógicas para adquirir um insight analítico dessas últimas, assim gerando conceitos lógicos sobre a realidade. Para tanto, porém, a atitude teórica do pensamento quebra a coerência estrutural do horizonte de experiência por meio da dissociação analítica de seus aspectos modais.

Para descrever o caráter analítico da atitude teórica, Dooyeweerd desenvolveu o conceito de relação *Gegenstand*³⁰. Essa relação se dá quando as regras da modalidade lógica são impostas a um objeto de modalidade não lógica. Ou seja, no pensamento teórico o pensamento quebra a realidade em partes, coloca uma parte sob análise das leis do pensamento analítico (antítese entre esse aspecto da realidade e o aspecto lógico), para produzir uma síntese entre os dois e obter uma imagem lógica de um objeto (dado) não lógico. Sendo assim, o pensamento teórico é uma síntese intermodal (informação verbal)³¹.

²⁵ SMITH *in* DOOYEWEERD, 2018, p. 44.

²⁶ DOOYEWEERD, 2018, p. 55-56.

²⁷ SMITH *in* DOOYEWEERD, 2018, p. 44.

²⁸ Id., 2018, p. 44.

²⁹ DOOYEWEERD, 2018, p. 47-50

³⁰ Ibid., p. 172.

³¹ Fala do professor Dr. Filipe Fontes na disciplina de Proposta Filosófica de Herman Dooyeweerd, CPAJ, em 24 nov. 2021.

1.6 Os aspectos modais da realidade.

Os aspectos modais³² são modos fundamentais da experiência. Não são fenômenos concretos da realidade empírica, mas referem-se à maneira pela qual experimentam-se as coisas ou eventos. A diversidade de aspectos modais da experiência só faz sentido dentro da ordem do tempo³³. Cada aspecto modal só pode revelar seu sentido próprio na coerência total que se expressa em sua estrutura interna e em seu relacionamento com os demais aspectos da realidade. Os aspectos são: numérico, espacial, movimento extensivo, energia (físico-químico), biótico (vida orgânica), sensitivo, lógico, histórico, linguístico, intercurso social, econômico, estético, jurídico, moral e pístico³⁴. Esses aspectos são explicitados na atitude teórica, e determinam os diferentes pontos de vista sob os quais a realidade empírica é investigada pelas ciências especiais³⁵. Portanto, esses aspectos revelam seu sentido na relação harmoniosa que têm entre si, e ao mesmo tempo, são soberanos em suas esferas de atuação.

Ao analisar um determinado objeto, o pensamento teórico poderia abordá-lo a partir de diferentes perspectivas. Uma bicicleta, por exemplo, embora experimentada no cotidiano como uma totalidade típica concreta na experiência ordinária (ou seja, simplesmente uma bicicleta), quando analisada logicamente pode apresentar diferentes aspectos como seu valor de venda (aspecto econômico), seu design (aspecto estético), o espaço que ocupa na garagem e sua velocidade de deslocamento (aspectos espacial e de movimento), e assim por diante.

Cada aspecto modal tem um núcleo de sentido particular que não pode ser reduzido e garante seu significado especial. O núcleo só pode ser descoberto ou compreendido a partir de seu inter-relacionamento com os demais³⁶. As relações entre os aspectos geram momentos analógicos³⁷. Quando o sentido de uma modalidade anterior na escala modal é enriquecido por uma modalidade posterior, acontece uma antecipação. Quando o núcleo de sentido de uma modalidade posterior é enriquecido por uma modalidade anterior, se dá uma retrocipação.³⁸

Portanto, os aspectos modais demonstram que não podem ser reduzidos uns aos outros, e embora tenham características únicas, ainda estão em uma relação de coerência mútua. Demonstram características de unidade e multiplicidade na estrutura da realidade. A experiência ingênua não está atenta aos aspectos modais, enquanto a atitude teórica faz uso dos aspectos modais para desenvolver teorias.

³² Aspectos, modos, modalidades ou esferas modais.

³³ DOOYEWEERD, 2018, p. 47-48.

³⁴ Ibid., p. 48-49.

³⁵ Ibid., p. 172.

³⁶ Ibid., p. 51.

³⁷ Ibid., p. 51.

³⁸ Ibid., p. 52.

Essa coerência e relação dos aspectos é explicada no conceito de universalidade das esferas. Para Dooyeweerd, a universalidade diz respeito à forma como cada aspecto expressa a coerência universal de todos os aspectos na sua própria estrutura particular. Ou seja, cada aspecto reflete em si a relação mútua inquebrável e a coerência harmônica com os outros na realidade. Para compreender um aspecto é preciso vê-lo em sua relação com os outros. Embora sejam soberanos em suas esferas, os aspectos modais não são autônomos e isolados, e não devem ser reduzidos uns aos outros³⁹.

Embora soberanos em sua área de atuação, os aspectos jamais são autônomos e não devem ser impostos uns aos outros para subjugar e dominar o outro. Tal atitude seria uma quebra na harmonia e desviaria o aspecto da norma que o orienta. Quando o filósofo define todo o sentido da realidade a partir do aspecto lógico, fazendo deste o seu ponto arquimediano, ele incorre nesse erro. Há absolutização de um aspecto, enquanto gera um reducionismo dos outros modos. Absolutizar é elevar um aspecto relativo à condição de absoluto, considerando-o autossuficiente para dar sentido e significado a toda a realidade⁴⁰.

A filosofia da ideia cosmonômica⁴¹ assevera que há uma coerência entre a lei de Deus e a realidade criada. A realidade está sujeita à lei divina, ou seja, a criação está debaixo das leis e normas do seu Criador. Sendo assim, os aspectos modais da realidade seguem essas leis e normas. O autor faz diferenciação entre os dois termos. Normas são ordenanças divinas, a regra do que "deve ser", são padrões de avaliação. Podem ser empregadas por criaturas capazes de fazer distinções racionais a partir da função lógica. Normas existem apenas para criaturas que são responsáveis pelo próprio comportamento e que devem prestar contas por condutas que transgridem as ordenanças. As normas foram dadas como princípios para o comportamento humano. É possível desobedecer as normas, mas há consequências. As normas estão presentes nos aspectos modais e em seus propósitos para a realidade temporal.

Por outro lado, as leis são inquebráveis. O homem não pode quebrar uma lei natural. As leis são estruturais⁴². Kalsbeek aponta que essa premissa é fundamental na filosofia dooyeweerdiana, "Em minha visão, a premissa mais importante dessa filosofia se encontra em seu pressuposto de que a realidade é criada por um Deus cuja vontade é a lei soberana e redentora para a realidade."⁴³

³⁹ DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da Cultura Ocidental: as alternativas pagã, secular e cristã*. Trad. Afonso Teixeira Filho. 1ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 61.

⁴⁰ DOOYEWEERD, 2018, p. 34.

⁴¹ A realidade criada (do grego *cosmos*) e Lei (do grego *nomos*), unindo-se os termos tem-se o novo termo Cosmonômica, cf. DOOYEWEERD, 2018, p. 258-259.

⁴² DOOYEWEERD, 2015, p. 85-87.

⁴³ KALSBECK, 2015, pos. 551.

Lei e norma são fundamentais para explicar o impulso inato do ego em direção à sua Origem. Embora a queda tenha afetado o ser humano, ele jamais pode anular a lei criacional do impulso religioso do coração. Contudo, ele desobedece à norma ao buscar direções apóstatas e criar ídolos. Esse é um pressuposto ontológico básico da filosofia reformacional.

Dooyeweerd aponta que a racionalidade é insuficiente como ponto arquimediano do pensamento, pois, para perceber o sentido e a diversidade dos aspectos modais em sua coerência mútua e inquebrável, é preciso algo que transcenda o tempo e sirva como ponte. A racionalidade é limitada pelo tempo e por sua própria natureza interna. Ela não foi criada para exaurir o sentido da criação. Por essa razão, a unidade central do ego humano (coração) que, segundo Dooyeweerd, ultrapassa a experiência temporal, é tão importante.

1.7 O conceito bíblico de coração.

O que é coração⁴⁴? É o ponto de concentração da existência humana, a raiz religiosa unificada do homem. É ali que o ego transcende o tempo e relaciona-se com o Criador. Por essas características, o coração é o ponto arquimediano⁴⁵ do pensamento e da relação humana com a realidade, com o outro e com o transcendente. Dooyeweerd não acreditava ter criado o conceito, mas sim, o descoberto nas Escrituras⁴⁶. Esse foi o grande ponto de virada em sua filosofia. O próprio autor percebeu que sua filosofia anteriormente era uma tentativa de síntese entre fé cristã e filosofias baseadas na autonomia do pensamento filosófico. Ele diz:

A grande virada em meu pensamento foi marcada pela descoberta da raiz religiosa do próprio pensamento, quando também uma nova luz foi lançada sobre a derrocada de todas as tentativas, incluindo a minha própria, de estabelecer uma síntese interna entre a fé cristã e uma filosofia enraizada na autossuficiência da razão humana. Eu vim a entender o significado central do “coração”, repetidamente proclamado pela Santa Escritura como sendo a raiz religiosa da existência humana. Na base deste ponto de vista cristão central, eu vi a necessidade de uma revolução no pensamento filosófico, tendo um caráter profundamente radical. Em confronto com a raiz religiosa da criação, nada menos está em questão do que como relacionar todo o cosmo temporal, tanto nos seus assim chamados aspectos “naturais” como nos “espirituais”, a este ponto de referência. [...] De um ponto de vista cristão, a totalidade da atitude do pensamento filosófico que proclama sua própria autossuficiência torna-se inaceitável, pois subtrai o pensamento humano da revelação divina em Cristo Jesus.⁴⁷

⁴⁴ Não é literalmente o órgão do corpo. Dooyeweerd usa os termos coração, ego e alma como sinônimos.

⁴⁵ “O ponto arquimediano do pensamento seria aquela dimensão da existência mais adequada para uma visão de conjunto da realidade tendo-a como sua e sendo capaz de compreender seu sentido. Na tradição filosófica, este ponto de apoio seria o pensamento racional. Para Dooyeweerd, este ponto de apoio é o coração humano, e não a racionalidade, que é apenas uma de suas funções”. WOLTERS, Albert. In DOOYEWEERD, 2018, p.265.

⁴⁶ DOOYEWEERD, 2018, p. 250-251.

⁴⁷ DOOYEWEERD, H. *A New Critique of Theoretical Thought*. Amsterdã e Filadélfia: 1953. Vol. I, v. *apud* KALSBECK, L., 2015, pos.319.

Após essa revolução em seu pensamento, ele percebe que a crença na autonomia da razão é contrária ao que a fé cristã demonstra sobre a natureza interna do próprio pensamento. A Bíblia descreve o coração como o centro religioso da existência humana, a raiz espiritual de todas as manifestações temporais da vida. Para Dooyeweerd "a alma é o ponto religioso focal da existência humana, no qual todos os raios temporais divergentes se encontram antes que o prisma do tempo fragmente a luz da qual eles se originaram"⁴⁸. O coração pode ser o ponto arquimediano, pois nele, os aspectos da realidade são percebidos em sua relação mútua. Ele transcende o tempo em sua relação com a Origem que é a fonte de significado da realidade.

Deus criou o ser humano como um ser em que toda diversidade de aspectos e faculdades do mundo temporal está concentrada dentro do centro religioso de sua existência. Esse centro recebe diferentes nomes, tais como "eu" ou "ego" e nas Escrituras, "coração, alma, espírito". Para Dooyeweerd, o pensamento humano brota dessa unidade central que por ser religiosa, determina e transcende o pensamento teórico⁴⁹. Nessa unidade o ser humano transcende a vida temporal. No coração os aspectos da *Imago Dei* se revelam. As três relações fundamentais do ego são: (a) com a ordem temporal; (b) a relação comunal do ego com o ego dos semelhantes; (c) a relação religiosa com a Origem. O coração transcende a realidade temporal e permite a relação entre o pensamento lógico-teórico e os outros aspectos modais⁵⁰.

Um importante versículo sobre o coração está em Provérbios 4.23, (ARA)⁵¹ “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida.”. O Léxico Strong traduz o termo “coração” (em hebraico לֵב leb) como “ser interior, mente, coração, inteligência”. Há um aspecto de centralidade, o âmago do ser, das inclinações da vontade. É o lugar das emoções, desejos, paixões e coragens.⁵²

O Novo Dicionário Internacional de Teologia aponta que embora o termo *leb* e *lebab* (transliteração do hebraico לֵב, לֵבָב) sejam traduzidos como coração ou mente, seu sentido no Antigo Testamento é mais metafórico, significando o centro da vida física e espiritual de alguém, todo o interior da vida de uma pessoa⁵³. A primeira ocorrência do termo na Bíblia está em Gênesis 6.5, “O Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal.”. É importante notar que a primeira aparição do termo esteja relacionada à gravidade do pecado

⁴⁸ DOOYEWEERD, 2015, p. 47.

⁴⁹ DOOYEWEERD, 2018, p. 232.

⁵⁰ Ibid., p. 238-240.

⁵¹ ARA: Tradução da Bíblia chamada Almeida Revista e Atualizada.

⁵² Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Vocábulo: 03820, Leb.

⁵³ LUC, Alex. *In Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. Verbete: לֵב, לֵבָב (lēb, lēbāb).

afetando e influenciando o coração. A diferença fundamental entre o coração apóstata e o crente é a ação do Espírito Santo que realiza a regeneração, redirecionando-o para viver de acordo com o motivo bíblico.

Quando Dooyeweerd utiliza e aprofunda o conceito bíblico de coração no campo da filosofia, ele abre uma nova perspectiva para o conceito de cosmovisão. Antes tido em termos racionais, proposicionais e sistemáticos, o conceito de cosmovisão passa a ser influenciado pelo insight dooyeweerdiano. Naugle aponta que o primeiro uso cristão do conceito de cosmovisão foi feito por James Orr. Ele entendia cosmovisão como "a visão mais ampla que a mente pode ter das coisas num esforço de apreendê-las juntas como um todo sob o ponto de vista de alguma filosofia ou teologia em particular"⁵⁴. Ora se a cosmovisão é a compreensão mais ampla que a mente pode alcançar, ela está sendo construída sobre a racionalidade. Carregava, portanto, características racionalistas.

Naugle diz que para Orr as cosmovisões eram geradas pelo desejo da mente de ter uma compreensão unificada do Universo, reunindo fatos, leis e respostas últimas. Por trás do universo haveria uma teoria unificadora da realidade⁵⁵. A cosmovisão seria um exercício teórico, e sua versão cristã compartilhava da fé na autonomia da razão. Quando a filosofia reformacional aponta a descoberta do ponto arquimediano sendo o coração, o campo teórico de estudos de cosmovisão também é afetado. O ponto arquimediano da cosmovisão não deveria ser a razão, pois esta não é o ponto de sustentação nem mesmo para a teoria.

A argumentação de Dooyeweerd e sua demonstração de que o pensamento teórico tem raízes em motivos religiosos do coração abre caminho para outros teóricos de cosmovisão no âmbito cristão. A própria obra de Naugle é influenciada pela filosofia reformacional, demonstrando isso ao enfatizar e expandir o uso do conceito de coração⁵⁶ e sua aplicação. Naugle, por sua vez, influencia a obra de James Sire. O próprio Sire afirma que, sem Naugle, sua definição de cosmovisão teria permanecido inalterada⁵⁷.

Ele diz que, a partir de seu contato com a obra do colega, o foco da definição mudou de "conjunto de pressuposições" para "o compromisso, a orientação fundamental do coração". Desse modo, deu mais ênfase às raízes "pré-teóricas" do pensamento⁵⁸. Portanto, percebe-se a influência da filosofia reformacional na definição e entendimento de cosmovisão por parte

⁵⁴ ORR, James. *The Christian View*, p.3. *apud* NAUGLE, 2017, p. 33.

⁵⁵ NAUGLE, 2017, p.35.

⁵⁶ Para saber mais sobre o uso que Naugle faz do conceito de coração cf. NAUGLE, 2017, p. 54-58 e 341-352. Ele não apenas menciona o conceito, mas encontra as raízes bíblicas e os usos no pensamento de Agostinho e Calvino.

⁵⁷ SIRE, James. *O Universo ao Lado: um catálogo básico sobre cosmovisão*. Trad. Marcelo Herberts. 5ed. Brasília, DF: Editora Monergismo. 2018. Edição do Kindle. pos. 192.

⁵⁸ *Ibid.*, pos. 135. Para ler a definição de cosmovisão revisada por Sire, cf. SIRE, 2018, pos. 307.

desse autor, expandindo sua interpretação e aplicação do conceito. Podemos afirmar que essas são contribuições dooyeweerdianas no ramo de cosmovisão cristã que se popularizaram através de autores como Sire e Naugle, entre outros.

James Sire, em sua obra *Dando Nome ao Elefante*, observa que para Dooyeweerd só existem dois compromissos básicos que levam a duas condições de vida: (a) o homem convertido a Deus e, (b) o homem desviado de Deus. Ele ainda observa que, para Dooyeweerd, cosmovisão não é tanto uma matéria de pensamento teórico articulado em proposições, mas sim, um compromisso radical do coração a um motivo religioso. São os motivos religiosos que dão conteúdo norteador ao coração, e guiam as ações e pensamentos.⁵⁹

As cosmovisões são, portanto, compromissos pré-teóricos, fundamentadas no coração e em relação íntima com a experiência, com a vida e como ela é vivida no cotidiano⁶⁰. Sire afirma, então, que a "cosmovisão envolve a mente, mas é antes de tudo uma questão de alma. Mais que apenas uma questão de inteligência, é uma orientação espiritual. As cosmovisões são, [...] uma questão do coração"⁶¹.

O próprio Dooyeweerd trata um pouco sobre a relação entre filosofia e cosmovisão:

A genuína visão de mundo e de vida tem, sem dúvida, uma estreita afinidade com a filosofia, pois se dirige essencialmente à totalidade do sentido de nosso cosmo. Uma visão de mundo e de vida também implica um ponto arquimediano. Assim como a filosofia, ela tem seu motivo-base religioso. Como a filosofia, ela requer o compromisso religioso de nossa individualidade. Ela tem sua própria atitude de pensamento. Contudo, ela não é, como tal, de caráter teórico. Sua visão de totalidade não é *teórica*, mas sim *pré-teórica*. Ele não concebe a realidade em seus aspectos modais abstraídos de significado, mas, antes, em estruturas típicas da individualidade que não são analisados de uma forma teórica. Ela não está restrita a uma categoria especial de "pensadores filosóficos", mas se aplica a todos, os mais simples aqui incluídos. Portanto, é totalmente errado ver na filosofia cristã apenas uma [como diria Kuyper] visão de mundo e de vida filosoficamente elaborada. Fazê-lo seria um mal-entendido fundamental acerca dos verdadeiros relacionamentos. A Palavra-revelação divina dá ao cristão uma visão de mundo e de vida tão pouco detalhada quanto uma filosofia cristã; todavia, dá a ambos simplesmente sua *orientação* a partir do ponto de partida em seu motivo básico central [o coração]. Mas essa orientação é de fato *radical* e *integral*, determinando todas as coisas. O mesmo vale para a orientação e visão que os motivos *religiosos apóstatas* dão à filosofia e à visão de mundo e de vida. (grifo do autor)⁶²

⁵⁹ SIRE, James. *Dando nome ao elefante: cosmovisão como um conceito*. Trad. Paulo Zacarias e Marcelo Herberts. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012. p. 35.

⁶⁰ SIRE, 2012, p. 35. É importante notar que Sire cita o pensamento dooyeweerdiano a partir dos escritos de Naugle e não usando a fonte diretamente. Isso demonstra que a influência de Dooyeweerd sobre seu pensamento se dá através da obra de Naugle.

⁶¹ SIRE, 2018, pos. 316.

⁶² DOOYEWEERD, *apud* NAUGLE, 2017, p. 57-58.

Sendo assim, no pensamento dooyeweerdiano, cosmovisão e filosofia têm semelhanças, contudo não são a mesma coisa. Naugle destaca que a cosmovisão não é um sistema filosófico, marcado por uma separação antitética com a vida. Ela tem um contato direto com a vida, não é um exercício teórico.⁶³ A fala de Dooyeweerd salienta que todas as pessoas, até as mais simples, têm compromissos fundamentais e são orientadas por uma cosmovisão. Embora, o motivo religioso não dê todos os detalhes, pormenores e respostas prontas explícitas, ainda assim, o conteúdo do coração humano é a raiz de todo pensamento e ação, sendo o fator último que molda a compreensão da realidade de um indivíduo, ou seja, sua visão de mundo. Ademais, o desenvolvimento teórico não prescinde da vida cotidiana, impondo-lhe sua vontade. Por fim, o motivo religioso cristão e o motivo religioso não-cristão agem sobre os indivíduos e resultam em vidas e interpretações diferentes a respeito do universo.

Portanto, a obra de Dooyeweerd fornece um caminho para analisar pressupostos de diferentes cosmovisões e construções teóricas. Ela contribui para um diálogo entre diferentes cosmovisões. Sua crítica transcendental aponta para a raiz que subjaz às teorias e dogmas. Ele demonstrou a nulidade do dogma da autonomia do pensamento teórico. E como esse dogma se trata de uma absolutização do aspecto lógico.

Um dos pressupostos fundamentais da filosofia dooyeweerdiana é a crença na existência de um Criador que estabelece as leis e normas para a realidade. A redescoberta do conceito bíblico de coração proporciona uma abertura de perspectiva para análise dos fundamentos de diferentes filosofias e cosmovisões, possibilitando também a verificação de sua coerência com a realidade, seus diversos aspectos e as normas e leis presentes na criação. A relação da fé com a teoria não pode ser ignorada. Portanto, não há neutralidade religiosa no desenvolvimento teórico.

A presente pesquisa passará à abordagem de outra proposta de interpretação da realidade. E, no terceiro capítulo, apresentará uma proposta de leitura desta a partir da filosofia da ideia cosmonômica.

⁶³ NAUGLE, 2017, p.58.

2 A IDEOLOGIA LGBTQIAPN+

Este capítulo da pesquisa será dedicado a examinar e descrever as características do movimento LGBTQIAPN+⁶⁴, com foco especial na Teoria Queer. Nas últimas décadas, teorias relacionadas à sexualidade têm emergido com relevância na cultura, influenciando leis, educação, política e economia. Por essa razão, é importante analisar as raízes do movimento LGBTQIAPN+ e suas implicações para o indivíduo e sociedade.

A fim de encontrar os princípios centrais e propostas do movimento LGBT e da teoria queer, serviram como fonte de informação, os escritos de Michel Foucault e Judith Butler, palestras e congressos realizados no Brasil, revistas e aulas de professores e doutores brasileiros tidos como referências em teoria queer. Procurou-se perceber como a teoria é construída e como tem chegado ao Brasil, não apenas em sua linguagem acadêmica, mas também em sua forma simplificada para o público leigo.

2.1 A sigla LGBTQIAPN+.

A sigla é uma combinação das iniciais de diferentes grupos que compõem o movimento⁶⁵. A letra "L" de lésbicas, designa mulheres com atração sexual ou romântica por pessoas do mesmo gênero feminino; Gays, são homens com atração por pessoas do gênero masculino. Lésbica é o termo padrão para mulheres homossexuais, enquanto gay é aplicado aos homens homossexuais⁶⁶. Bissexuais, indivíduos que têm atração por mais de um gênero. O "T" representa dois grupos, os transexuais e travestis. Transexuais são pessoas que não se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento, por isso, a transsexualidade refere-se à escolha de uma identidade de gênero diferente do sexo biológico. Travestis são pessoas que nasceram com um sexo, atribuído culturalmente ao gênero considerado correspondente pela sociedade, mas que passam a se identificar e performar nelas mesmas um gênero diferente.

Queer são pessoas que não se identificam com os padrões de heteronormatividade impostos pela sociedade e transitam entre os gêneros, sem precisar de uma definição fixa. A letra "I" refere-se a intersexuais, pessoas com variações biológicas não binárias. Está relacionada às características sexuais biológicas, diferente da orientação sexual ou da identidade de gênero. Desse modo, "uma pessoa intersexo pode ser hétero, gay, lésbica,

⁶⁴ Na presente pesquisa, a sigla LGBT será usada como sinônimo de LGBTQIAPN+.

⁶⁵ Apresentam-se aqui as definições de acordo com a divulgação da Universidade Federal de Santa Catarina no dia do 28 de junho, dia comemorado como do Orgulho LGBT. cf. LGBTQIAPN+: mais do que letras, pessoas. **UFSC Diversifica**, 2021. Disponível em: <<https://diversifica.ufsc.br/2021/06/25/lgbtqiapn-mais-do-que-letras-pessoas/>>. Acesso em: 15 de agosto de 2022.

⁶⁶ REIS, Toni (org.). *Manual de comunicação LGBTI+*: substitua preconceito por informação correta. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. p. 22.

bissexual ou assexual, e pode se identificar como mulher, homem, ambos ou nenhum"⁶⁷. Assexuais são aqueles com ausência total, parcial ou condicional de atração sexual. Esse termo engloba outros grupos dentro de si, como arromânticos, homo ou heteroromânticos, panromânticos, demissexuais, entre outros.

Panssexuais são pessoas atraídas sexual ou romanticamente por outros indivíduos sem considerar os gêneros ou sexos deles. Não-binária⁶⁸ são pessoas que não se identificam no padrão binário de gênero. Esse termo também abrange outros grupos que transcendem o binarismo, como, agêneros, gêneros fluidos, entre outros. Por fim, o símbolo "+" é utilizado para incluir grupos e variações novas de gêneros e sexualidades. Desse modo, a sigla está em constante mudança e sempre aberta a novos integrantes.

2.2 Definições de orientação sexual e gênero.

Os Princípios de Yogyakarta⁶⁹ afirmam que a orientação sexual se refere à atração emocional, afetiva ou sexual por outro indivíduo, de mesmo gênero ou não. Segundo o Manual de Comunicação LGBTI+, basicamente, há três orientações sexuais preponderantes: homossexualidade, atração pelo mesmo sexo/gênero; heterossexualidade, atração pelo sexo/gênero oposto; ou bissexualidade, atração pelos dois sexos/gêneros. Contudo, essas não são as únicas possibilidades⁷⁰.

A sigla demonstra o desenvolvimento das reivindicações do movimento ao longo do tempo. Os primeiros grupos, "LGB", tinham foco na orientação sexual, buscavam liberdade para exercer seus afetos e atrações por pessoas do mesmo sexo. As definições são simples e os indivíduos são chamados de mulher e homem. No entanto, a partir das letras "TQ" dos travestis, transsexuais e queer, os elementos de identidade e mudança de gênero se fazem presentes. Surgem questionamentos sobre o que é sexo, gênero e a relação desses elementos com a identificação do indivíduo. A sexualidade torna-se central para definir o sujeito. A liberdade sexual passa a ser sinônimo de autonomia para ser o que se deseja.

O indivíduo passa a ter mais liberdade para se construir de acordo com sua vontade. Os desejos se tornam mais complexos e com camadas extras de nuances. Não se nomeiam mais homem e mulher nas definições, apenas "pessoa", como uma neutralidade ou página em branco a ser preenchida. Os desejos e a identidade são baseados no sentimento. Tal

⁶⁷ LGBTQIAPN+: mais do que letras, pessoas. **UFSC Diversifica**, 2021. Disponível em: <<https://diversifica.ufsc.br/2021/06/25/lgbtqiapn-mais-do-que-letras-pessoas/>>. Acesso em: 15, agosto de 2022.

⁶⁸ Pela norma padrão da língua portuguesa o termo seria *binário* ou *binária*. Contudo, manteve-se aqui a forma ortográfica desejada pelo respectivo grupo, também para demonstrar seu engajamento na transformação da cultura linguística da sociedade como meio para a aceitação e reconhecimento.

⁶⁹ OS PRINCÍPIOS de Yogyakarta: Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Yogyakarta, Indonésia, 2006. p. 7.

⁷⁰ RIOS, 2018, p.21.

característica pode ser vista na definição proposta nos Princípios de Yogyakarta⁷¹, a respeito de orientação sexual e identidade de gênero:

Compreendemos orientação sexual como uma referência à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. Compreendemos identidade de gênero a profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos.⁷²

Há a repetição da ideia de profundo sentimento ou sensação como fator central da orientação sexual e da identidade de gênero. O sentimento tem papel importante no desejo e na visão do indivíduo sobre si e sobre como viver na sociedade. Essa "sentida experiência interna e individual" contém a verdade sobre o corpo e o gênero da pessoa. A verdade sobre o indivíduo não pode ser atribuída a ele por outrem, como ocorre ao se atribuir um sexo ao indivíduo no nascimento.

O aumento de letras na sigla não apenas recebe e reconhece novos grupos no mesmo movimento, mas demonstra o desenvolvimento histórico cultural e aponta as diferentes reivindicações ao longo do tempo. Os grupos buscam liberdade para exercer seus desejos e construir sua identidade sem retaliação ou opressão. Há, portanto, uma ênfase na liberdade autônoma que une o movimento.

2.3 A busca por influência na sociedade e teoria queer

O movimento LGBT não aborda apenas questões de cunho pessoal. Para auxiliar na busca de seus objetivos, a influência na política e sociedade é fundamental. Há várias leis atualmente em diferentes países chamadas de SOGI - Sexual Orientation Gender Identity⁷³. São leis contra a discriminação e assédio relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero. Visam proteger o indivíduo no ambiente social. O movimento busca influenciar toda a

⁷¹ Os Princípios de Yogyakarta são uma aplicação dos direitos humanos à comunidade LGBTQIAPN+. Foram elaborados por especialistas em direito internacional de vinte e cinco países diferentes. Eles se reuniram na cidade de Yogyakarta, na Indonésia, em 2006. A reunião ficou marcada como a primeira tentativa de criar normas internacionais para defesa da liberdade de identidade de gênero e de orientação sexual. EQUIDADE: os princípios de Yogyakarta e os direitos LGBT+. **POLITIZE**, 2021. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/principios-de-yogyakarta-e-os-direitos-lgbt/>>. Acesso em: 18, agosto de 2022.

⁷² PRINCÍPIOS, 2006, p. 7.

⁷³ *SOGI*: Orientação Sexual e Identidade de Gênero (nossa tradução). Leis presentes nos Estados Unidos da América e também na Europa para combater a discriminação, cf. Sexual Orientation and Gender Identity (SOGI) Discrimination. **U.S. Equal Employment Opportunity Commission**, 2020. Disponível em: <<https://www.eeoc.gov/sexual-orientation-and-gender-identity-sogi-discrimination/>>. Acesso em: 15, agosto de 2022.

sociedade, através da política, gerando novas leis, adentrando o ambiente acadêmico e propondo novas teorias a respeito da realidade e do ser humano.

Dentre essas teorias, destaca-se a Teoria Queer, que segundo Richard Miskolsci⁷⁴ é "uma teoria que torce o seu olhar, que te faz, que te propõe, ao menos, que você passe a enxergar o mundo de outra maneira. De uma maneira não normativa, de uma maneira aberta a outras possibilidades" (informação verbal)⁷⁵. Na mesma palestra, Miskolsci defende que a Teoria Queer é um convite a desconstruir o olhar normalizador, e criar uma perspectiva que se desvie dos preconceitos que se fixaram como lentes na forma como a sociedade enxerga o mundo. Uma libertação para que se reconheçam as possibilidades de transformação e autonomia, envolvendo gênero, sexualidade e desejo. Sua fala elucidada o caráter de cosmovisão presente na Teoria Queer. A teoria propõe uma nova forma de enxergar o mundo, alterando as normas e propondo autonomia do indivíduo para experimentar o desejo, a sexualidade e o gênero livremente.

É importante salientar que o Seminário Queer, realizado pelo Sesc São Paulo, trouxe debates sobre cultura, política, educação, saúde, aprendizados, gênero, sexualidade e contra-hegemonias⁷⁶. A partir da base teórica Queer, foram analisados diversos aspectos da realidade. Partindo da sexualidade, do desejo e do gênero propôs-se uma nova visão de mundo. Não apenas o indivíduo, mas o mundo passa a ser moldado pelo desejo humano.

O movimento, LGBTQIAPN+ tem como objetivo não apenas liberdades e direitos individuais, mas a transformação de toda sociedade a partir de uma cosmovisão baseada na autonomia do desejo. Abordaremos agora alguns aspectos da obra de Michel Foucault, *História da Sexualidade I*⁷⁷, para compreender sua influência e importância para o pensamento LGBT e a Teoria Queer.

2.4 Michel Foucault e a história da sexualidade

Foucault inicia sua obra com uma crítica ao confisco da sexualidade pela família tradicional, restringindo seu uso apenas para a procriação no séc. XVIII. O casal que procria é

⁷⁴ Richard Miskolsci é professor associado da UFSCar e pesquisador do CNPq. Doutor em sociologia pela USP, com estágios sênior da Universidade de Michigan e da Califórnia, co-organizou o primeiro dossiê de estudos queer publicado no Brasil, além de ter publicado diversos artigos e livros nessa vertente de investigação. Coordena o Quereres - Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade.

⁷⁵ Fala do professor Dr. Richard Miskolsci em sua palestra "O que é Queer?", Seminário Queer - Sesc São Paulo, em 9, agosto de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ar19rH0H6lM&t=4409s>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

⁷⁶ PROGRAMAÇÃO I SEMINÁRIO QUEER: cultura e subversões das identidades. **Portal Sesc SP**, 2015. Disponível em: <[https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/9299_PROGRAMACAO+DO+I+SEMINARIO+QUEER#/>](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/9299_PROGRAMACAO+DO+I+SEMINARIO+QUEER#/). Acesso em: 15, agosto de 2022.

⁷⁷ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza C. Albuquerque e J.A.G. Albuquerque. 13a Ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1988.

tido como o único relacionamento legítimo e passa a ditar as leis, normas, detendo a verdade sobre o sexo e o desejo. O único local apropriado para a sexualidade é no "quarto dos pais", ela está isolada do espaço social, nem mesmo pode ser mencionada abertamente. Qualquer um que não siga a norma, será tido como anormal e receberá sanções.⁷⁸

O autor descreve um contexto em que a sexualidade é reconhecida legítima apenas na forma heterossexual. O que não se enquadra no padrão é rejeitado e oprimido. Para Foucault, é desejo da sociedade apagar o anormal, silenciando-o, até que seja tido como inexistente⁷⁹. Desde o início, a obra carrega traços de uma proposta de libertação da sexualidade. E sendo ela liberta, a sociedade estará aberta para novas formas de vida em diferentes esferas, como política, economia, família e etc⁸⁰. Libertar a sexualidade seria a chave para libertar os potenciais da humanidade.

Foucault vê motivações capitalistas, históricas e políticas na repressão da sexualidade:

"Esse discurso sobre a repressão moderna do sexo se sustenta. Sem dúvida porque é fácil de ser dominado. Uma grave caução histórica e política o protege; [...] Um princípio de explicação se esboça por isso mesmo: se o sexo é repimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se?"⁸¹

O momento histórico-cultural e político sustentava a repressão à sexualidade. Uma das hipóteses do autor é que reprimia-se o sexo para que o indivíduo guardasse sua energia para o trabalho intenso e não a desperdiça-se nos prazeres fúteis. O sistema de poder se empenhava em reprimir energias consideradas inúteis, dentre elas a intensidade dos prazeres e condutas irregulares⁸². Foucault afirma que a preocupação elementar dos poderes era assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais, proporcionando uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora⁸³.

Para Foucault, denunciar a repressão sexual era essencial, uma forma de revolução contra os mecanismos de poder de sua época que faziam uso de interdição, censura, negação e desqualificação⁸⁴. A repressão não se aplicava apenas ao ato sexual, mas até mesmo ao discurso e debate sobre o tema. Então, falar de sexo era o caminho para a libertação.

⁷⁸ FOUCAULT, 1988, p. 9-11.

⁷⁹ Ibid., 1988, p. 10.

⁸⁰ Ibid., 1988, passim.

⁸¹ FOUCAULT, 1988, p. 11.

⁸² Ibid., 1988, p. 15.

⁸³ Ibid., 1988, p. 38.

⁸⁴ Ibid., 1988, p. 15.

Falar contra poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a libertação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias - eis o que, sem dúvida, sustenta em nós a obstinação de falar do sexo em termos de repressão.[...] o que me parece essencial é a existência, em nossa época, de um discurso onde o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de uma certa felicidade, estão ligados entre si.⁸⁵

O problema era a opressão dos desejos, a repressão da liberdade. A solução era a iluminação que resultaria em libertação. O ambiente perfeito traria a multiplicação das volúpias, um jardim das delícias. Foucault se coloca como um profeta a anunciar a verdade e prometer o gozo que só seria possível a partir da inversão da lei do mundo. A sexualidade é colocada como fator central para libertar a humanidade e torna-se sua promessa de paraíso.

A preocupação do autor não era apenas libertar o desejo, mas também o discurso sobre o desejo em suas mais variadas formas⁸⁶. Ele aponta que regras de decência cerceavam e filtravam as palavras, como uma "polícia dos enunciados".⁸⁷ O resultado disso foi a produção de um vocabulário autorizado, com metáforas cabíveis e outras tidas como tabu. Importante notar que em Foucault já há uma preocupação sobre a relação da linguagem com a sexualidade, algo que será mais preponderante no pensamento de Judith Butler.

A sexualidade estava ligada à linguagem e liberdade, além da política e cultura. No entanto, embora tenham tentado suprimir o discurso sobre o sexo, ele se tornou um tipo especial de segredo sobre o qual a sociedade desejava falar. "O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo"⁸⁸ [grifo do autor]. A opressão não foi capaz de inibir o desejo, pelo contrário, resultou em estímulo.

A obra não defende um discurso uníssono sobre a sexualidade. Pelo contrário, o intuito é propagá-la, abri-la a todos. O discurso sobre o tema, posteriormente, espalhou-se em diferentes ciências como demografia, biologia, psiquiatria, psicologia, na moral e na crítica política. A sexualidade não estava mais restrita ao campo da teologia moral sob domínio da igreja. Havia em sua época uma incitação polimorfa ao discurso. Essa diversidade poderia ser vista como um "mosaico sexual" da sociedade moderna, funcionando como uma rede dinâmica de otimização do poder, realizada com a multiplicação dos prazeres, e não através de proibições e repressão⁸⁹.

⁸⁵ FOUCAULT, 1988, p. 13.

⁸⁶ Ibid., 1988, p. 17.

⁸⁷ Ibid., 1988, p. 21.

⁸⁸ Ibid., 1988, p. 36.

⁸⁹ Ibid., 1988, p. 35,72

De certo modo, para Foucault, abrir os discursos sobre sexualidade era também uma abertura da sociedade e de seus potenciais. Assim como o Iluminismo prometia libertação através do conhecimento, Foucault apresenta libertação através da autonomia do desejo.

Nos séculos XIX e XX, multiplicaram-se os discursos sexuais. Contudo, instâncias de poder entraram em ação para enfrentar essa tendência. A repressão recomeça ao nomear e alistar as sexualidades consideradas sem-propósito⁹⁰. O autor nota que nessa época, a homossexualidade recebe um nome distinto da sodomia e se torna uma espécie de sexualidade. No entanto, é listada pelos psiquiatras como distúrbio ou patologia. Os mecanismos de poder, ao nomear as sexualidades, incorporam o indivíduo ao sistema, a fim de ter maior controle sobre ele⁹¹. Ou seja, ao nomear a homossexualidade, ela é rotulada e qualificada de maneira negativa. Os indivíduos que apresentam esses traços recebem o rótulo. Embora seja uma espécie de reconhecimento, tem espectro negativo.

Para Foucault, o primeiro elemento para produzir a verdade sobre o sexo é a sociedade⁹². Ele percebia na sociedade um reflexo do ritual católico da confissão. A confissão de pecados ao padre era um dos rituais de produção da verdade⁹³. Na confissão, o sujeito fala de si mesmo ao outro. Esse diálogo se dá em uma relação de poder. Aquele que ouve a confissão deve avaliá-la, punir ou perdoar, reconciliar, inocentar e prometer salvação⁹⁴. Contudo, esse ritual expandiu-se além dos limites da igreja e passou a ser uma característica cultural. As pessoas confessam seus erros e almejam perdão e aceitação de outrem. Para o autor, essa era uma forma de controle.

A sociedade, conforme Foucault a via, buscava legitimar a sexualidade diante das instâncias de poder. Por outro lado, as instâncias de poder, através do controle dos discursos e dos rituais de confissão perpetuavam seu domínio sobre os indivíduos.

O indivíduo durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si mesmo.⁹⁵

Portanto, o indivíduo buscava autenticação fora de si e em suas relações sociais. Mas, seu sentimento interior, seus desejos e personalidade estão reprimidos. Para libertar o desejo seria necessário entender as relações de poder e seus instrumentos⁹⁶. Foucault percebe que a

⁹⁰ FOUCAULT, 1988, p. 42.

⁹¹ Ibid., 1988, p. 44.

⁹² Ibid., 1988, p. 57.

⁹³ Ibid., 1988, p. 58.

⁹⁴ Ibid., 1988, p. 61.

⁹⁵ Ibid., 1988, p. 58.

⁹⁶ Ibid., 1988, p. 80.

autenticação no final passou a ser fundamentada em um discurso de verdade que o indivíduo cria a respeito de si.

No entanto, a sexualidade não é mero prisioneiro, na verdade, nas relações de poder ela é dotada de instrumentalidade, útil para manobras e servindo de ponto de apoio na articulação de diferentes estratégias⁹⁷. Sendo assim, o interesse de instâncias de poder em controlar a sexualidade não se deve ao medo e sim por conhecer sua utilidade e força no domínio da sociedade, da cultura, da economia e etc.

"A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: [...] à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder. [...] O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global."⁹⁸

A sexualidade estaria ligada a diversos aspectos da realidade. Ela teria um papel de motor e de movimento por trás do desenvolvimento pessoal e social. A obra *História da Sexualidade I* afirma a relação da economia, política, cultura, medicina, biologia e família com o sexo. Sendo que o sexo é o eixo fundamental como instrumento de controle para moldar os outros aspectos. Ainda há a fé de que o dispositivo da sexualidade pode ser usado para inovar, inventar e conduzir a cultura ao jardim das delícias. Reprimi-lo, então, seria restringir o avanço da sociedade.

2.5 Foucault e a Teoria Queer

Milkolsci observa que Foucault define sexualidade como um dispositivo histórico do poder. Ele diz que não há nada de natural na sexualidade. A sexualidade é central e fundamental para a formação dos estados nacionais, da ordem jurídica, cultural e política do séc. XVIII em diante (informação verbal)⁹⁹. Tamsin Spargo¹⁰⁰ aponta que a sociedade atual tem a liberdade para falar de sexo abertamente, e o celibato e castidade já não tem espaço na sociedade. A relação de política e homossexualidade não é mais um tabu tão grande como fora anteriormente. Esses sinais de abertura da sociedade dão a impressão de que a sociedade

⁹⁷ FOUCAULT, 1988, p. 98.

⁹⁸ Ibid., 1988, p. 100-101.

⁹⁹ Fala do professor Dr. Richard Miskolsci em sua palestra "O que é Queer?", Seminário Queer - Sesc São Paulo, em 9, agosto de 2015.

¹⁰⁰ Tamsin Spargo é doutora em Teoria Cultural pela Universidade de Cardiff, Reino Unido. É professora aposentada da Universidade John Moores, de Liverpool, Reino Unido. Atuou como historiadora de cultura e diretora da Escola de Artes, Crítica e Mídia, da mesma instituição.

está mais aberta, tolerante e sensual¹⁰¹. Sinais excelentes de melhora, na opinião da autora. Contudo, trazem o perigo de uma euforia cega para possíveis armadilhas.

Spargo aponta Foucault como influência extremamente importante da teoria queer. Ela diz, "A vida e obra de Foucault, bem como suas conquistas e sua demonização, fizeram dele um modelo poderoso para gays, lésbicas e intelectuais, e sua análise das inter-relações entre saber, poder e sexualidade foi o catalisador intelectual mais importante da teoria queer"¹⁰². Foucault não deu origem à teoria queer, contudo, é tido como originador de discursos sobre a sexualidade que culminaram atualmente no movimento queer.

Mas, afinal, o que é Queer? A palavra *Queer* em inglês pode ser tanto substantivo, adjetivo ou verbo, e em todos os casos se define em oposição ao normal ou à normalização¹⁰³. Queer significa "estranho", aquele que não se encaixa. Judith Butler define queer como um desvio e fuga da norma, uma abertura ao inesperado. Posteriormente, ela define o movimento como uma aliança entre grupos distintos, com uma conexão erótica e política, contra uma identidade unificada, para ter o direito de amar e viver livre, para defender e preservar espaços de desejo na vida pública e privada (informação verbal)¹⁰⁴.

O *Manual de Comunicação LGBTI+* define queer como "pessoas cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual. De modo geral, para as pessoas que se identificam como queer, os termos lésbica, gay, e bissexual são percebidos como rótulos que restringem a amplitude e a vivência da sexualidade."¹⁰⁵. Para a teoria queer, até mesmo nomear a sexualidade pode ser uma forma de restrição.

Segundo Spargo, a escola de pensamento queer tem práticas e prioridades críticas em diversas áreas, tais como: interpretações do desejo homoafetivo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análises das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas ao sistema sexo-gênero; estudos sobre identidade transexual e transgênero, sadomasoquismo e sobre desejos transgressivos¹⁰⁶. A teoria queer está envolvida prioritariamente, ao menos, com artes, política, sociologia, antropologia e psicologia.

Spargo analisa a relação da teoria queer e a obra de Foucault. Ela aponta que em *História da Sexualidade I*

¹⁰¹ SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase, orientações pós seculares*. Trad. Heci R. Candiani. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 9-10.

¹⁰² Ibid., 2017, p. 12.

¹⁰³ Ibid., 2017. p. 13.

¹⁰⁴ Fala da professora Dra. Judith Butler em sua palestra no Seminário Queer - Sesc São Paulo, em 10, agosto de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TyIAeedhKgc&t=4972s>>. Acesso em: 09 de agosto de 2022.

¹⁰⁵ REIS, 2018, p. 32.

¹⁰⁶ SPARGO, 2017, p. 13.

A sexualidade não é um aspecto ou fato natural da vida humana, mas uma categoria da experiência que foi construída e que tem origens históricas, sociais e culturais, mas não biológicas. [...] A sexualidade, assim como o gênero, parece simplesmente estar aí, mas também parece ser especial, pessoal, uma questão relativa a nossos 'desejos profundos' – quem queremos, o que queremos, como queremos.¹⁰⁷

A sexualidade é definida como aspecto da experiência que tem seu núcleo de sentido no desejo, mas é construída historicamente. É uma relação intermodal entre desejo e cultura. No entanto, enquanto aspecto da experiência, afirmar que a sexualidade não é natural, pode implicar em alienação do aspecto sexual em relação ao aspecto biológico. Posteriormente, ficará claro que na teoria queer, o corpo não tem influência sobre o desejo.

Spargo salienta que Foucault não queria definir a sexualidade, mas perceber como ela funcionava na sociedade, e qual era seu produto¹⁰⁸. Contudo, a análise dele inevitavelmente aponta a natureza desse aspecto a partir de suas relações com a realidade. Sua definição do produto terá como efeito colateral apresentar características do elemento base que proporciona a produção de algo.

Spargo aponta o contexto histórico da obra de Foucault. As décadas de 1960 e 1970 foram importantes para movimentos lésbicos e gays. Nessa época, ser gay ou lésbica passou a ser uma condição de orgulho e resistência, o movimento passou a reivindicar uma posição na sociedade. No fim da década de setenta, o objetivo tornou-se uma mudança social radical, uma revolução¹⁰⁹. O movimento de libertação gay aliou-se a pautas do movimento feminista que naquela época já criticava instituições como casamento e família, visando transformar o sistema social causador da opressão. Sua base política vinha da esquerda, associando-se a abordagens marxistas e socialistas¹¹⁰. Contudo, durante essa mesma década, a busca pela libertação transformou-se em uma busca por inclusão, reconhecimento de direitos e proteção legal como um grupo minoritário dentro da ordem existente¹¹¹.

2.6 As reivindicações do movimento queer

Miskolsci aponta que as duas atitudes persistem em meio aos grupos homossexuais ao longo da história: (a) busca por assimilação social, ser considerado normal dentro dos termos existentes e reproduzir estruturas tradicionais como a família, paternidade, dentro de uma releitura homoafetiva; (b) combater a normalidade e transformar a sociedade, uma vertente crítica e revolucionária, de engajamento político e acadêmico que não deseja ser enquadrado

¹⁰⁷ SPARGO, 2017, p. 15.

¹⁰⁸ Ibid., 2017, p. 16.

¹⁰⁹ Ibid., 2017, p. 24-25.

¹¹⁰ Ibid., 2017, p. 25.

¹¹¹ Ibid., 2017, p. 26.

na realidade social. Essa segunda vertente é a base da teoria queer (informação verbal)¹¹². Ele diz: "O queer surge daqueles e daquelas que mantêm o espírito da transformação social, da crítica do existente, da ideia de, ao invés de assimilar e buscar incorporação por meio do que está disponível, eu quero mudar a sociedade" (informação verbal)¹¹³.

As características revolucionárias de busca por transformação e aversão à padronização de normalidade presentes na teoria queer ecoam e são impulsionadas pela obra *Problemas de Gênero*¹¹⁴ de Judith Butler.

2.7 Judith Butler e os problemas de gênero

Judith Butler,¹¹⁵ em sua obra *Problemas de Gênero*, apresenta uma crítica à identidade e propõe uma subversão do conceito, apresentando a problematização do que é sexo, gênero e desejo. Ela questiona, "Ser mulher constituiria um 'fato natural' ou uma performance cultural, ou seria a 'naturalidade' constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas?"¹¹⁶. Butler investiga se o gênero feminino está ligado naturalmente (ou biologicamente) ao corpo sexuado feminino. Sua suspeita é que o gênero é uma performance cultural. É justamente o conceito de performance, ou performatividade, que abrirá novas perspectivas à teoria queer e influenciará o movimento LGBT.

Há na obra a convergência política de perspectivas feministas, gays e lésbicas sobre o gênero com a teoria pós-estruturalista¹¹⁷. Sua teoria performativa de atos de gênero visa romper as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, proporcionando uma resignificação subversiva que vai além da estrutura binária¹¹⁸. Essa estrutura apresenta um falocentrismo¹¹⁹ e heteronormatividade compulsória. Diante do problema, seu desejo é construir "uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político"¹²⁰.

¹¹² Fala do professor Dr. Richard Miskolsci em sua palestra "*O que é Queer?*", Seminário Queer - Sesc São Paulo, em 9, agosto de 2015.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 22a. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

¹¹⁵ Judith Butler é uma reconhecida filósofa feminista, professora no Departamento de Literatura Comparada e Retórica da Universidade da Califórnia, em Berkeley, Estados Unidos. Sua obra influenciou também o movimento LGBTQIAPN+, ela ficou conhecida como a fundadora da teoria queer por propor que sexo, gênero e desejo não são necessariamente decorrentes um do outro.

¹¹⁶ Ibid., 2022, p. 9.

¹¹⁷ Ibid., 2022, p. 13.

¹¹⁸ Ibid., 2022, p. 12-13.

¹¹⁹ Falocentrismo: que está centrada no falo, pensamento patriarcal que defende a superioridade masculina.

¹²⁰ Ibid., 2022. p. 25.

Como Foucault, Butler explana sobre sexualidade envolvendo-a no contexto histórico, político e cultural. No entanto, Butler quer entender qual é a ontologia de sexo e gênero. Ela faz uso da metodologia marxista, de presente histórico, para criticar as categorias de identidade contemporâneas engendradas, naturalizadas e imobilizadas pelas estruturas jurídicas¹²¹. Sua conclusão a respeito da natureza e relação de gênero e sexo é a seguinte:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gênero culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de "homens" se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo "mulheres" interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros devam permanecer em números de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que o *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino.¹²² (grifos da autora)

Butler define gênero como conjunto de significados culturais, independente do sexo biológico. Gênero não decorre do sexo, e o desejo não decorre do gênero. E, considerando que sexo não restringe gênero, não há necessidade de serem apenas dois gêneros. Dessa forma, quaisquer conjuntos de significados culturais relacionados à identidade podem originar novo gênero. Ser homem não tem relação alguma com o corpo, mas sim, com assumir sobre si a performance do gênero masculino. Essa performance pode ser fluida.

As implicações são profundas para o feminismo, pois, qualquer corpo que se identificar como mulher deverá ser considerado mulher. Antes de Butler, sexo era considerado como um dado biológico/natural, enquanto gênero era tido como um construto social. Contudo, a posição da autora é mais radical. Ela afirma que tanto sexo como gênero são construções culturais. "Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula."¹²³. Portanto, sexo e gênero seriam discursos culturais, construídos pela

¹²¹ BUTLER, 2022, p. 24.

¹²² Ibid., 2022, p. 26.

¹²³ Ibid., 2022, p. 26-27.

sociedade e previamente estabelecidos. O gênero é "um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes"¹²⁴.

A natureza discursiva condiciona e impõe limites, "se o gênero ou o sexo são fixos ou livres, é função de um discurso que [...] busca estabelecer certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise de gênero."¹²⁵ Para Butler, os discursos culturais definem o caráter, comportamento e forma de vida do gênero. A cultura hodierna é baseada em estruturas binárias, heteronormativas que se apresentam como a linguagem racional de aceitação universal. Esses discursos hegemônicos se introduzem no imaginário para dominar e coagir a linguagem sobre gênero¹²⁶. Os discursos dão significados culturais aos corpos, moldando a imaginação sobre o que é ser homem ou mulher. Butler aplica teorias linguísticas à discussão sobre gênero, sexualidade e poder.

A ideia estática de gênero, ou uma percepção de gênero derivada do sexo biológico são o alvo de sua crítica. Seu intuito é abrir o caminho para novas linguagens fluidas sobre o gênero e também para a livre construção da identidade do sujeito. Butler constrói a ideia de um sujeito livre de qualquer padrão ou norma. Para ela, a identidade de gênero é sempre um devir, uma construção que não tem origem ou final¹²⁷. Sua busca não é por uma definição final e fixa, mas aberta, almejando que no futuro se alcance um ideal normativo livre de qualquer força coercitiva que será desvelado ao realizar-se na prática¹²⁸. Sendo assim, não se almeja definição com efeito de norma, mas uma descrição que surge *a posteriori*. Em outras palavras, uma afirmação de identidades diversas, sem um *telos* normativo e definidor¹²⁹.

Para Butler não há significado pré-existente da realidade, todo significado é construído cultural e historicamente. Portanto, a própria definição de pessoa passaria pelo mesmo processo. Ela nega qualquer revelação ou significado prévio que ateste uma realidade ontológica anterior. Ela cita Michel Haar, "o sujeito, o eu, o indivíduo, são apenas conceitos falsos, visto que transformaram em substâncias fictícias unidades que inicialmente só tem realidade linguística"¹³⁰. Não há sexualidade original, todas são cópias, ou paródias da ideia do original¹³¹. Sendo assim, o eu é construído em suas relações, nunca é fixo, é sempre fluido.

A obra discute a relação entre natureza e liberdade, e afirma que o conceito de identidade deveria ser abordado como uma descrição da experiência e não em comparação a

¹²⁴ BUTLER, 2022, p. 33.

¹²⁵ Ibid., 2022, p. 30.

¹²⁶ Ibid., 2022, p. 30-31.

¹²⁷ Ibid., 2022, p. 69.

¹²⁸ Ibid., 2022, p. 40-41.

¹²⁹ Ibid., 2022, p. 42.

¹³⁰ HAAR, Michel. *Nietzsche and Metaphysical Language*. p. 18. *apud* BUTLER, 2022, p. 50.

¹³¹ Ibid., 2022, p. 67.

um ideal normativo. A identidade, segundo seu ver, é assegurada por conceitos de sexo, gênero e sexualidade que lhe garantem estabilidade¹³². Portanto, identidade é um efeito de práticas discursivas. Ela absorve o que lhe é útil e está de acordo com seu desejo. A ideia de um padrão original, ou natural, seria uma espécie de opressão que cerceia a liberdade.

Contudo, a sociedade atualmente não reconhece como identidades inteligíveis gêneros além do padrão binário. Ao contrário, vários discursos funcionam como mecanismos de opressão e suprimem a multiplicidade de sexualidades¹³³. Seria o correto, então, buscar uma identidade de gênero que estivesse livre do padrão binário e da heterossexualidade compulsória¹³⁴. Ou seja, uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo não restrita à heterossexualização do desejo. Para isso, não basta libertar o indivíduo, mas é preciso influenciar a linguagem e a cultura. É necessário derrubar a heterossexualidade compulsória presente no sistema para "inaugurar um verdadeiro humanismo da 'pessoa', livre dos grilhões do sexo"¹³⁵. Essa é a esperança de Butler.

2.8 A performatividade de gênero e o sujeito queer

Para que haja liberdade, é necessário reconhecer o gênero como performativamente construído. A identidade de gênero é constituída pelas expressões do gênero, um conjunto de atributos flutuantes¹³⁶. É preciso afirmar uma sexualidade que escape das proibições para trazer subversão, desestabilização a fim de expandir as fronteiras do que é culturalmente inteligível¹³⁷. Sara Salih define performatividade como um conjunto de atos, gestos e comportamentos construídos no interior da linguagem e do discurso¹³⁸. Por exemplo, ser mulher trata-se de fazer e não de ser. O significado do sujeito não é preexistente, essencial, fixo. A identidade não está por trás ou antes de seus feitos, ela está nos feitos¹³⁹.

As identidades são construídas e reconstruídas sob novas formas que desafiam e subvertem as estruturas de poder existentes¹⁴⁰. Esse é o sujeito queer, ele é fluído e não busca uma referência original¹⁴¹, mas vê nas cópias atributos a copiar no processo de se construir

¹³² BUTLER., 2022, p. 43.

¹³³ Ibid., 2022, p. 43-47.

¹³⁴ Heterossexualidade compulsória é o padrão de desejo heterossexual imposto pela sociedade sobre os indivíduos, que exclui ou marginaliza outras formas de desejo. Esse padrão regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino como opostos. Posteriormente em sua obra, ela passa a chamar a heterossexualidade compulsória de heteronormatividade, criticando a norma e lei que impõe o desejo hétero como padrão sobre todos os corpos.

¹³⁵ Ibid., 2022, p. 47.

¹³⁶ Ibid., 2022, p. 56.

¹³⁷ Ibid., 2022, p. 63.

¹³⁸ SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Trad. Guacira Lopes Louro. 1a. edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 22.

¹³⁹ SALIH, 2015, p. 66.

¹⁴⁰ Ibid., 2015, p. 23.

¹⁴¹ BUTLER, 2022, p. 238-239.

através de seus atos. Salih acrescenta que "o sujeito de Butler é um ator que simplesmente se põe de pé e 'encena' sua identidade num palco metafórico de sua própria escolha"¹⁴².

Para Butler, não há uma verdade interna ontológica do gênero. Há uma verdade fabricada, uma narrativa inscrita sobre os corpos, que não é verdadeira nem falsa, mas é o efeito do discurso sobre a identidade primária e estável. A coerência entre sexo, gênero e desejo, buscada em um núcleo organizador interior, uma espécie de "alma", está baseada em uma ilusão¹⁴³. Esse núcleo organizador, que dá coerência à identidade e à realidade, deveria ser uma performance posta em ato, gerada pelos atos e desejos. Nas palavras dela:

[...] atos, gestos, e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na *superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. [...] Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora.¹⁴⁴ (grifos da autora)

Portanto, para Butler o núcleo organizador que dá sentido ao sujeito e à sua relação com o mundo é efeito de atos, gestos e desejo. Os atos performativos criam a ilusão de núcleo, contudo, tudo é discurso¹⁴⁵ e não verdade objetiva. A Dra. Carla Rodrigues¹⁴⁶ aponta o uso que Butler faz da teoria dos atos de fala de John Austin que propõe que a linguagem produz efeitos no mundo. (informação verbal)¹⁴⁷. A linguagem, em forma de discurso, se articula como gênero que norteia a vida e molda a prática do indivíduo. Antes mesmo do sujeito ter capacidade linguística, a linguagem já está agindo sobre ele, classificando-o, nomeando e ensinando-o.

Segundo Salih, Butler vê a própria linguagem como arena política e como estratégia de subversão.¹⁴⁸ Butler teoriza o corpo humano com certo tipo de dependência da

¹⁴² SALIH, 2015, p. 65.

¹⁴³ BUTLER, 2022, 232-236.

¹⁴⁴ Ibid., 2022, p. 235.

¹⁴⁵ Discurso se refere a grandes grupos de enunciados que governam o modo como falamos e percebemos um momento ou momentos históricos específicos. cf. SALIH, 2015, p. 71.

¹⁴⁶ Dra. Carla Rodrigues é professora de ética no dep. de filosofia da UFRJ. Pesquisadora no programa de pós-graduação em filosofia da UFRJ. Bolsista da FAPERJ, onde desenvolve um projeto de pesquisa voltado para a obra de Judith Butler. Estuda a obra de Butler desde o começo dos anos 2000.

¹⁴⁷ Fala da professora Dra. Carla Rodrigues em sua aula "Introdução a Judith Butler", Centro de Pesquisa e Formação - Sesc, em 26, março de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VVgT_3nDb8g>. Acesso em: 08 de agosto de 2022.

¹⁴⁸ SALIH, 2015, p. 203.

infraestrutura, compreendida como o ambiente de relações sociais, uma rede de apoio e sustento. Ela demonstra que o humano tem uma relação de dependência e interdependência com a realidade, ou seja, ao mesmo tempo em que o sujeito age sobre o mundo, o mundo está agindo sobre ele. A performance de gênero depende das condições infraestruturais e sociais de apoio. É preciso desenvolver uma narrativa geral que permita a liberdade para o sujeito se construir e ser aceito em sociedade (informação verbal)¹⁴⁹.

Ela diz que algo *queer* pode acontecer onde a norma é recusada ou revisada, ou quando novas formulações de gênero começam apesar de normas que agem contra a transformação. O sujeito é obrigado a reproduzi-las, e ao reproduzir a norma, pode encontrar e formar modos de gênero que quebram com os padrões mecânicos de repetição. Se desviando, se redefinindo e, às vezes, enfaticamente quebrando essas correntes de normatividade, criando mais espaço para a vida de gênero. (informação verbal)¹⁵⁰.

O projeto da Teoria Queer é prover uma teoria da realidade que conteste as normas heterossexuais repressoras e construa um mundo onde não haverá pessoas marginalizadas por conta de sua sexualidade. O reconhecimento do gênero como performativo é parte de uma visão de mundo que promete abrir portas para a construção de uma narrativa geral inclusiva que permita a construção de narrativas individuais livres.

A Teoria Queer recebe influências de diferentes filosofias, não procuramos nesse capítulo exaurir cada detalhe. Procurou-se delinear os principais pontos de dois referenciais, a saber Foucault e Butler. A crítica desses pensadores colocou a sexualidade e o gênero no centro da discussão do que é ser humano e fizeram da sexualidade um eixo de articulação social e central na construção da sua visão de mundo.

Esse movimento apresenta aversão às normas e categorizações, desejo pela liberdade para construir sua identidade com fluidez e anseio por transformar a sociedade. Sexo biológico, gênero e desejo foram desvinculados, e propôs-se a performatividade de gênero como expressão e conteúdo da identidade. Por sua vez, a performatividade tem como fundamento um núcleo discursivo que serve de eixo organizador da existência humana.

¹⁴⁹ Fala da professora Dra. Judith Butler em sua palestra no Seminário Queer - Sesc São Paulo, em 10, agosto de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TyIAeedhKgc&t=4972s>>. Acesso em: 09 de agosto de 2022.

¹⁵⁰ Idem.

3 A FILOSOFIA DA IDEIA COSMONÔMICA E A TEORIA QUEER

A filosofia da ideia cosmonômica trouxe *insights* valiosos para a cosmovisão e apologética cristãs¹⁵¹. A crítica transcendental apontou as raízes da teoria e a falsa autonomia da razão. A redescoberta do conceito bíblico de coração indicou os compromissos e motivos religiosos que influenciam as ideologias e os indivíduos. O pressuposto da existência de um Criador desvelou a ideia de leis e normas presentes na criação. Por sua utilidade e relevância, neste capítulo, será feita uma leitura da teoria queer a partir da filosofia reformacional.

O encontro entre cosmovisão cristã e teoria queer é inevitável na cultura contemporânea. Pressupostos queer estão em ação na cultura, política, arte e educação. Pedro Dulci alerta para a necessidade que urge à igreja de estar atenta aos movimentos culturais sob influência queer hoje, para que no futuro não seja tarde demais¹⁵².

3.1 Ideologias e a cosmovisão cristã

Dulci aponta que a teoria queer vai além da questão afetiva e se caracteriza como uma ideologia. Ideologias, conforme David Koyzis, são:

"tipos modernos do fenômeno perene da idolatria, trazendo em seu bojo suas próprias teorias sobre o pecado e a redenção [...] Como as idolatrias bíblicas, cada ideologia se fundamenta no ato de isolar um elemento da totalidade criada, elevando-o acima do resto da criação e fazendo com que esta orbite em torno desse elemento e o sirva. A ideologia também se fundamenta no pressuposto de que esse ídolo tem a capacidade de nos salvar de um mal real ou imaginário que há no mundo".¹⁵³

Para Koyzis, ideologias são versões distorcidas da cosmovisão cristã. Elas se apropriam da estrutura criação, queda e redenção e propõem respostas alternativas para o que a realidade é e deveria ser, qual é o problema do mundo e por fim, uma promessa de solução. Koyzis não diz que as ideologias são totalmente falsas. Elas captam fragmentos da realidade. Contudo, fundamentalmente, têm caráter idólatra por absolutizar um aspecto da realidade e colocar sua esperança de salvação em um ídolo.

Enquanto a soteriologia bíblica está fundamentada na obra redentora de Cristo, as ideologias prometem outros caminhos de salvação. Koyzis diz que "cada uma das ideologias é baseada em uma soteriologia específica – ou seja, a elaboração de uma teoria que promete aos seres humanos a libertação de algum mal fundamental considerado a fonte da ampla gama de

¹⁵¹ Como apresentado no primeiro capítulo desta pesquisa, as ideias de Dooyeweerd influenciaram pensadores cristãos da área de cosmovisão, tais como, James Sire, David Naugle, Albert Wolters, etc.

¹⁵² DULCI, Pedro. *Identidade e sexualidade: reformando nossa visão de conceitos fundamentais*. Brasília, DF; Editora Monergismo, 2019. Edição do Kindle. pos. 354.

¹⁵³ KOYZIS, David. *Visões e Ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas*. 1a ed. Vida Nova: São Paulo, 2014, p. 19. *apud* DULCI, 2014, pos. 245.

males humanos, incluindo tirania, opressão, anarquia, pobreza entre outros"¹⁵⁴. A teoria queer tem as características mencionadas por Koyzis.

Butler afirma em entrevista à revista Margem Esquerda que a teoria queer aliou-se a diversos movimentos, tais como feminismo, luta pelos direitos dos deficientes e antirracismo. O elo entre todos esses movimentos é a luta pelos corpos não normativos¹⁵⁵. O conceito de corpos não normativos, desenvolvido por Butler em contraposição à heteronormatividade, é central na teoria queer. São corpos fora do padrão heteronormativo, do homem branco opressor. A teoria queer, portanto, é o referencial teórico de diversos grupos minoritários. Com intuito de dar esperança para a humanidade, ela molda a cosmovisão e articula formas de subversão, a fim de tornar o mundo mais justo e igualitário, sem segregação.

Butler afirma que luta pelo reconhecimento dos corpos que não é possível à parte da política e da economia. Por isso é necessário pensar nas condições que possibilitam o reconhecimento. Seu trabalho mais recente tem sido um esforço para articular um imaginário no qual as relações sociais e obrigações de cada ser humano para com o outro sejam mais importantes do que a auto maximização individual. Butler ainda afirma que:

"o intenso sentimento de precariedade induzido pelas forças econômicas e financeiras levou à xenofobia, à homofobia, ao antifeminismo e à intensificação do racismo, uma sequência de reações de ódio contra os movimentos sociais que buscam maior igualdade e liberdade para os que estão nas margens"¹⁵⁶.

O discurso de Butler a respeito dos problemas da humanidade enfatiza o aspecto econômico e a opressão exercida pelo poder sobre aqueles que estão à margem. Estes à margem são ininteligíveis para a sociedade e por não se conformarem aos padrões discursivos da cultura, são oprimidos. Ela também critica parte do movimento feminista que ainda sustenta discursos que se parecem com um velho evangelho na defesa de tradições do feminismo marxista, ao invés de trazer uma teoria crítica¹⁵⁷. Butler percebe um aspecto de evangelho no discurso feminista, mas, não vê sua própria posição como uma nova proposta de evangelho, que apresenta promessas de salvação para o oprimido e marginalizado.

3.2 Poder e verdade

O discurso de Butler é semelhante ao de Foucault no que tange à ideia de poder, dominação, repressão e opressão. James Smith explica que:

¹⁵⁴ KOYZIS, David. *Visões e Ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas*. 2a ed. ampliada e atualizada. Vida Nova: São Paulo, 2021, p. 37.

¹⁵⁵ RODRIGUES, C; QUARTIM, M; FRATESCHI, Y; *Entrevista Judith Butler*. Margem Esquerda - Revista da Boitempo, São Paulo, n.33, p. 11-22, outubro, 2019.

¹⁵⁶ Fala de Butler à Margem Esquerda. p. 20.

¹⁵⁷ Fala de Butler à Margem Esquerda. p. 21.

Como Foucault descreve, as instituições e as relações sociais são necessariamente construídas com base nas relações de poder; o poder é onipresente. Além disso, o poder é entendido como poder sobre os outros – algum tipo de dominação [...] e regimes – que formam o indivíduo conformando-o ao que a sociedade deseja – um bom trabalhador e consumidor. E enquanto ele adverte que não devemos pensar nisso negativamente, a impressão esmagadora de seu trabalho é que essa situação é tanto repressiva quanto opressiva.¹⁵⁸

Foucault via o poder sendo exercido nas relações sociais para moldar os seres humanos em trabalhadores e consumidores. Butler vê a linguagem como ferramenta para moldar alguém. Antes mesmo de saber usar a linguagem, a pessoa já tem linguagem exercendo poder sobre ela, definindo-a, nomeando, e a categorizando. O simples fato de definir um bebê em seu nascimento como menino ou menina seria uma forma de acorrentar o corpo à ordem prevista pela sociedade¹⁵⁹. Rodrigues aponta que o pensamento de Butler tem a influência da teoria dos atos de fala que enfatiza que a linguagem produz efeitos no mundo (informação verbal)¹⁶⁰. Ela adiciona elementos da revolução linguística à revolução sexual¹⁶¹. Não por acaso, a alma humana, o núcleo organizador da vida, para Butler é um conjunto de discursos, sempre fluido¹⁶². Ela chama esse núcleo de performatividade. Dulci aponta a forte influência de Michel Foucault e Jacques Derrida sobre Butler em sua teoria de subversão da identidade e sexualidade. Seria uma versão corporal da desconstrução textual de Derrida¹⁶³.

Smith também observa que "Foucault, seguindo Nietzsche, descreve seu método na história intelectual como 'genealogia' ou 'arqueologia', cuja tarefa é descobrir os preconceitos e preconceitos secretos e submersos que vão moldar o que chama-se verdade"¹⁶⁴. O estudo e a

¹⁵⁸ SMITH, James K. *Who's Afraid of Postmodernism?: taking Derrida, Lyotard and Foucault to church*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006. Edição do Kindle. p. 100-101. Nossa tradução de "As Foucault describes it, social institutions and relationships are necessarily constructed on the basis of power relations; power is ubiquitous. Moreover, power is understood as power over others—some kind of domination [...] This power is channeled through mechanisms of discipline—various practices and regimens—that form the individual by conforming him to what society wants—a good worker and consumer. And while he cautions that we should not think of this negatively, the overwhelming impression of his work is that this situation is both repressive and oppressive."

¹⁵⁹ RIBEIRO, Arilda. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 295-298, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

¹⁶⁰ Fala da professora Dra. Carla Rodrigues em sua aula "Introdução a Judith Butler", Centro de Pesquisa e Formação - Sesc, em 26, março de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VVgT_3nDb8g>. Acesso em: 08 de agosto de 2022.

¹⁶¹ Essa abordagem linguística de Butler deu origem e é o alicerce da linguística queer. A linguagem não apenas descreve e representa o mundo, mas ela o produz. Essa é a base do conceito de performatividade de gênero apresentado no capítulo 2 desta pesquisa. Para saber mais, cf. LINGUÍSTICA queer, **Wikipédia**, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%ADstica_queer>. Acesso em 01 de set. de 2022.

¹⁶² BUTLER, 2022, p. 235.

¹⁶³ DULCI, 2019, pos. 295.

¹⁶⁴ SMITH, 2006, p. 147.

investigação histórica são o caminho para descobrir a verdade. Não haveria verdades absolutas, ou pré-fornecidas e fixas. Toda verdade deveria ser objeto de desconfiança.

Dulci afirma que os estudos Queer:

[...] escolheram um âmbito da nossa experiência temporal, que é um âmbito bom e criado por Deus, ou seja, um aspecto da criação que é importante para nossa vida — que são as nossas relações com outras pessoas e conosco mesmos, o entendimento sobre quem nós somos, a identidade que nós temos, como nós lidamos com a nossa economia afetiva e libidinal — **e o transformaram no principal assunto da nossa vida, isto é, no elemento definidor de nossa existência.**¹⁶⁵ (grifo nosso)

Portanto, há a absolutização da sexualidade e dos relacionamentos como núcleo organizador da vida, com uma antecipação de elementos do aspecto linguístico. Para Butler, o que está nesse núcleo é um conjunto de discursos culturais e não existem dados prévios, ou significados prévios que não sejam cultural e historicamente construídos. O núcleo organizador da vida, para a teoria queer, é um conjunto de discursos e ideias que dão sentido à sexualidade e ao desejo. Esse conjunto de discursos forma um gênero performativo. A sexualidade parece transcender o mundo material e dar sentido à interpretação do mundo e de si mesmo. Ela se revela na ação, e ao mesmo tempo é o impulso por trás da performance. Essa é a performatividade que serve como coração ou ego humano para teoria queer. Nele convergem os discursos linguísticos, metáforas e verdades fluidas nos quais o indivíduo crê e que moldam sua interpretação da realidade e de si mesmo, além da sua prática de vida. A performatividade é o conteúdo do coração e motiva a performance¹⁶⁶. No entanto, há a crença de que o sujeito domina seu coração e pode remodelá-lo a partir de seu desejo.

3.3 O motivo religioso básico natureza e liberdade

Josué K. Reichow diz que o conceito-chave da filosofia reformacional para analisar a modernidade e pós-modernidade é o motivo-base natureza e liberdade¹⁶⁷. Para Dooyeweerd, motivo religioso base é aquilo que incita movimento ou ação, uma ideia predominante¹⁶⁸. Os motivos religiosos são forças motrizes profundas por trás de todo desenvolvimento cultural e espiritual. Uma força orientadora central, que serve como centro religioso da vida, governa as expressões temporais e aponta para a verdadeira ou suposta origem de toda a existência. Eles determinam toda a maneira de viver da sociedade e sua visão de mundo. Os motivos apóstatas ou não bíblicos têm caráter dialético porque tentam sintetizar impulsos ou compromissos

¹⁶⁵ DULCI, 2019, pos. 270.

¹⁶⁶ Para ver mais sobre performatividade, cf. as páginas 35 e 36 desta pesquisa.

¹⁶⁷ REICHOW, Josué. *Reformai a vossa mente: a filosofia cristã de Herman Dooyeweerd*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019. p. 26.

¹⁶⁸ DOOYEWEERD, 2018, p. 22, 23, 27.

religiosos contraditórios, por isso experimentam uma tensão interna que os leva a dualismos inescapáveis. O motivo bíblico radical, fundamentado no tema da criação, queda e redenção por Jesus Cristo, na comunhão com o Espírito Santo, é singular em seu caráter integral.¹⁶⁹

Nancy Pearcey, em sua obra *Love Thy Body*¹⁷⁰, usa o conceito de motivo religioso natureza e liberdade para avaliar o pensamento moderno e pós-moderno sobre sexualidade. Ela enfatiza que, paradoxalmente, o ideal de liberdade resulta em perda de liberdade. Aceitar os pressupostos da teoria queer em busca de mais liberdade, por fim, resulta em uma desvalorização do corpo¹⁷¹. O corpo físico e a ideia de liberdade presente na performatividade estão em tensão. Há um desencontro entre o sexo, gênero e sexualidade. A proposta queer é que toda tensão se resolve quando os discursos são remodelados para tornar inteligível a opção dos indivíduos. A personalidade e o sentimento são colocados como solução.

Dooyeweerd aponta que o núcleo do aspecto sensitivo só apresenta seu sentido em coerência inquebrantável com momentos analógicos, remetendo a outros aspectos da experiência¹⁷². O sentimento, portanto, está atrelado também ao aspecto de vida orgânica, ao aspecto físico-químico e assim por diante. Desconsiderar a relação com os outros aspectos é uma redução do que a experiência apresenta.

O motivo da natureza e liberdade é uma religião humanista da personalidade humana em sua liberdade de qualquer fé que exija fidelidade, sendo a personalidade humana uma lei para si mesma¹⁷³. Sob sua influência, a humanidade passou a ver na natureza amplas possibilidades para exploração conforme os desejos de sua personalidade livre e soberana¹⁷⁴. A humanidade teria total domínio, moldando a realidade a seu bel prazer. Por fim, não haveria necessidade de buscar verdades sobrenaturais, toda verdade poderia ser descoberta pela ciência. A fé no poder criativo do pensamento científico juntava-se à fé na autonomia absoluta da personalidade humana. O ser humano buscava ser totalmente independente de toda autoridade e de todo poder sobrenatural, para enfim, ser senhor de seu destino¹⁷⁵.

Contudo, a fé na ciência resultou em um conflito interno quando o caminho científico humanista chegou à conclusão de que a ciência determinava toda a realidade como uma cadeia ininterrupta de causa e efeito. Desse modo, não havia mais espaço para a liberdade

¹⁶⁹ DOOYEWEERD, 2015, p. 21, 22.

¹⁷⁰ PEARCEY, Nancy. *Love Thy Body: answering hard questions about life and sexuality*. Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 2018. Edição do Kindle. p. 304.

¹⁷¹ PEARCEY, 2018, p. 159.

¹⁷² DOOYEWEERD, 2018, p. 52.

¹⁷³ DOOYEWEERD, 2015, p. 171.

¹⁷⁴ Ibid., 2015, p. 172.

¹⁷⁵ Ibid., 2015, p. 174.

humana¹⁷⁶. Natureza e liberdade tornaram-se pólos opostos, em tensão. Uma das soluções propostas foi construir a ideia de dois reinos. O reino sensorial, da "natureza", continha as leis científicas. E o reino suprasensorial, da "liberdade" moral, que não era governado por leis mecânicas, mas por normas advindas da autonomia humana¹⁷⁷.

Ora, na teoria queer, é evidente que o reino da liberdade moral, baseado na autonomia humana, domina a natureza. Nem mesmo o sexo biológico é levado em consideração na construção da identidade. A performatividade dá liberdade ao indivíduo para construir-se conforme desejar. Ademais, caso queira, o indivíduo pode remodelar o próprio corpo através de cirurgias, tratamentos hormonais, para se conformar à persona da identidade almejada.

A partir do Romantismo, o motivo natureza e liberdade passou por um redirecionamento. Houve a glorificação do amor sexual e livre como característica fundamental da natureza sensual e a liberdade espiritual¹⁷⁸. Já havia indícios da sexualidade tornando-se o eixo central na proposta de solução da tensão. Esse redirecionamento também apresentou a ligação entre liberdade individual e o ideal comunitário. A ideologia da comunidade tornou-se o ideal humano eterno e supratemporal¹⁷⁹, um alvo para as comunidades menores, um símbolo de união e destino. A comunidade ideal conduziria todas as relações humanas, seria a fonte de lei e norma para a humanidade.

Dooyeweerd aponta que essa abordagem colocou a visão individual em segundo plano. A ciência histórica ganhou predominância, procurando compreender e descrever fenômenos históricos em um dado contexto e período. O presente era visto como dependente do passado, e o desenvolvimento cultural é fruto da linha de continuidade histórica¹⁸⁰. Desse modo, o desenvolvimento histórico era um elo dialético entre natureza e liberdade. A dialética era o processo para superar os contrastes. Denominado historicismo, esse novo modo de pensamento caracterizou-se como a forma humanista de ver a realidade a partir da perspectiva do desenvolvimento histórico, tornando absoluto o aspecto da História¹⁸¹.

Acreditando que toda realidade se move e se desenvolve historicamente, o historicismo se volta contra qualquer concepção estática que adere a verdades fixas. Considera a realidade apenas sob a luz do vir-a-ser e sua esperança para a humanidade está no desenvolvimento cultural interminável¹⁸². A partir desse ideal, as verdades da fé cristã são tão

¹⁷⁶ Ibid., 2015, p. 175.

¹⁷⁷ DOOYEWEERD, 2015, p. 194.

¹⁷⁸ Ibid., 2015, p. 200.

¹⁷⁹ Ibid., 2015, p. 202.

¹⁸⁰ Ibid., 2015, p. 205.

¹⁸¹ Ibid., 2015, p. 207.

¹⁸² Ibid., 2015, p. 57.

relativas e passageiras quanto quaisquer ideias. Sire observa que "com o pós-modernismo, nenhuma história é mais crível que qualquer outra. Todas as histórias são igualmente válidas, validadas pela comunidade que vive por elas."¹⁸³. Ele acrescenta que não há uma busca pelo que é verdadeiro sobre a realidade, apenas como as noções de ética, ser e de conhecimento surgem e funcionam na sociedade.

O pensamento de Butler, Foucault¹⁸⁴ e de outros teóricos queer apresentados anteriormente, trazem as características historicistas e do motivo religioso natureza e liberdade. Eles apresentam propensão ao pólo da liberdade. Foucault e Butler fazem uso do método historicista, ao qual chamam de genealogia ou arqueologia histórica. Butler enfatiza que sua obra agora busca, não a maximização do indivíduo, mas a construção de uma sociedade com responsabilidades de um indivíduo pelo outro, uma sociedade ideal onde todo indivíduo é inteligível. O próprio movimento queer passou a aliar-se com outros grupos minoritários em busca de uma sociedade e um mundo melhores.

Se a promessa de liberdade é tão boa e o mundo ideal prometido é tão justo, por que não aceitar a teoria queer como visão de mundo? Seria essa teoria factível com a realidade?

3.4 Teoria queer e os aspectos modais

Embora a teoria queer articule alguns aspectos da realidade, como história, linguagem e economia, e perceba alguns problemas reais como desigualdade e preconceito, é possível que erre ao identificar as causas. Em seu cômputo geral, a teoria queer não faz jus à realidade. Ela se constrói a partir da crença na autonomia humana e se fecha para qualquer transcendência. Ademais, ela absolutiza o aspecto histórico em sua compreensão da realidade.

Na teoria queer o ego humano, a identidade, é reduzido a uma performatividade baseada em um conjunto de discurso culturais construídos historicamente. Se o núcleo do aspecto histórico é a produção cultural, a teoria queer entende a linguagem como ferramenta subserviente à história, pois, são os discursos linguísticos que registram e mantêm a cultura. Por sua vez, o processo histórico é subserviente ao desejo e à sexualidade, que são ferramentas de poder e controle da sociedade. Dooyeweerd faz uma observação relevante sobre o historicismo radical:

¹⁸³ SIRE, 2018. Edição do Kindle. pos. 5334-5339.

¹⁸⁴ BUTLER, 2022, p. 224.

O historicismo radical faz do ponto de vista histórico algo oníabrangente, absorvendo todos os outros aspectos do horizonte da experiência humana. Mesmo o centro religioso da experiência humana, o ego humano ou *eu*, é reduzido a um fluxo contínuo de momentos históricos da consciência. Todos os nossos padrões e concepções científicas, filosóficas, estéticas, políticas e religiosas são vistas como a expressão da mentalidade de uma cultura ou civilização particular.¹⁸⁵

Quando Butler propõe que novos discursos sejam criados e legitimados pela sociedade, sua proposta almeja que o aspecto linguístico produza uma nova cultura que reoriente a história daqui em diante. Há uma relação entre esses dois aspectos no cerne da teoria queer. Enfatiza a personalidade humana como o legislador da realidade. No entanto, esse uso da história e da linguagem não seria suficiente para fazer jus à relação mútua entre os demais aspectos da realidade em uma coerência harmônica. Visto que os aspectos modais biológico, social, ético e pístico são reduzidos.

Essa construção teórica não é capaz de encontrar um *telos*¹⁸⁶ para a realidade, ela subjuga tudo ao desejo. Butler nega qualquer *telos*, ou realidade ontológica anterior que revele a verdadeira ordem das coisas¹⁸⁷. Não há um propósito para o ego ou para o mundo, a não ser aquele atribuído culturalmente.

3.5 O coração e a Imago Dei

Dooyeweerd diz que no historicismo, a história não tem janelas observando a eternidade. A humanidade está encerrada na história e não pode observar a realidade a partir de um ponto de contemplação supra-histórico¹⁸⁸. O núcleo orientador da vida na teoria queer é uma redução do coração a discursos linguísticos orientados pelo desejo sexual. O coração, de acordo com a Bíblia, é muito mais do que o aspecto racional, linguístico ou histórico.

Roy Clouser diz que o coração humano existe e funciona sob os limites das leis aspectuais, contudo, não é determinado por essas leis, ele possui liberdade genuína. Há no coração mais do que as funções aspectuais, porque este foi criado à imagem de Deus¹⁸⁹. Por esta razão, um dos relacionamentos fundamentais do coração é com o Criador. Como diz

¹⁸⁵ DOOYEWEERD, 2018, p. 108.

¹⁸⁶ Propósito, alvo.

¹⁸⁷ BUTLER, p. 49.

¹⁸⁸ DOOYEWEERD, 2018, p. 108.

¹⁸⁹ CLOUSER, Roy A. *O Mito da neutralidade religiosa: Um ensaio sobre a crença religiosa e seu papel oculto no pensamento teórico*. Trad. Fabrício Tavares e Rodolfo Amorim. 1ed. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2020. Edição do Kindle. pos. 7811.

Dooyeweerd, o impulso inato do ego é em direção à sua Origem¹⁹⁰. Esse impulso é estrutural¹⁹¹, ou seja, não pode ser anulado.

A teoria queer crê em um ego definido por alguns aspectos modais e preso à história. Ela carece da perspectiva transcendente. Sua pretensa autonomia abdica de qualquer referência ao original e natural que venha a dar sentido à realidade. No entanto, o ser humano não pode anular o impulso inato do ego. Mesmo um indivíduo queer, não poderia deixar de ter inclinações religiosas. Ao ter o impulso e buscar respostas sobre "qual é o problema do mundo?, o que o mundo deveria ser?, quem somos?, como consertar o mundo?", os teóricos queer demonstram seu anseio pela Origem, e seu desejo inato pelo absoluto.

No entanto, as respostas queer apresentam os conflitos. O uso do aspecto da linguagem está preso a uma tensão. Dulci cita uma entrevista de Butler à Revista Cult onde ela reluta com a definição fixa de "ser lésbica". Ela se classifica como lésbica, contudo, não como algo definitivo. Dulci observa a tensão da filósofa, pois, aceitar uma definição fixa de "ser lésbica" implicaria em contradição com a fluidez da identidade que ela propõe¹⁹². O conflito está entre o uso da linguagem para redefinir a inteligibilidade dos marginalizados à sociedade, e ao mesmo tempo, evitar definições que impliquem em identidades fixas que seriam opressoras. A pergunta a Butler seria: a linguagem liberta ou a linguagem oprime? Ela responderia que os dois pontos são possíveis, como ela o faz em sua palestra. Contudo, por não ter um referencial absoluto, apenas relativo do que é a verdade, sua escolha sobre o que seria liberdade ou opressão não seria simplesmente arbitrária?

A mesma tensão está presente no que tange a leis e políticas. Butler aponta o paradoxo em sua palestra. Ela diz que as minorias, ao buscarem reconhecimento diante da sociedade através de leis de proteção e ações políticas, estão almejando algo bom e necessário. Contudo, ao mesmo tempo, estão reforçando sua dependência do sistema legal que é opressor (informação verbal)¹⁹³. Ao ser reconhecido e incorporado pela sociedade, o queer se tornará fixo e dependente das leis. Perderá sua estranheza e fluidez, reforçará e fará parte do sistema que era seu oposto. A pergunta para Butler seria: toda lei e norma são opressoras? O que caracteriza algo como opressor? Novamente, por ter como referencial a personalidade humana e a fluidez histórica, a resposta de Butler não pode ser uma verdade que abranja a

¹⁹⁰ DOOYEWEERD, 2018, p. 74. O conceito de impulso inato do ego tem origem no *sensus divinitatis*, de Calvino. É um impulso religioso estrutural da humanidade e por conta da Queda pode tomar uma direção idólatra.

¹⁹¹ Ibid., 2018, p. 184.

¹⁹² DULCI, 2019, pos. 309.

¹⁹³ Fala da professora Dra. Judith Butler em sua palestra no Seminário Queer - Sesc São Paulo, em 10, agosto de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TyIAeedhKgc&t=4972s>>. Acesso em: 09 de agosto de 2022.

todos. Algo seria libertador ou opressor dependendo do sentimento do indivíduo. Algo pode ser libertador hoje e opressor amanhã. O queer não pode declarar verdades sempiternas.

A teoria queer almeja fornecer verdades absolutas que amparem a fluidez e a autonomia humana, verdades construídas histórica, linguística e culturalmente. No entanto, ela não pode alcançar esse objetivo, pois, se a próxima geração decidir abandonar todas essas verdades, o movimento queer não poderá recorrer a absolutos que sustentem a sua posição. Terá que simplesmente aceitar que a cultura mudou. O fato é que a teoria queer é um eterno devir, não tem uma linha de chegada. Por não ver um propósito para a realidade, ela tem propostas, mas não tem critérios que validem sua posição como verdadeira e válida para toda a humanidade e todas as gerações.

No máximo, a teoria queer pode ser "verdade" para o indivíduo com sentimentos queer. Ainda que ela seja a cosmovisão dominante, é possível erradicar o sentimento de marginalização?¹⁹⁴ É possível acabar com a pobreza e opressão? É possível que não haja definições e normas? A realidade funcionaria em harmonia assim? A teoria queer não pode comprovar essas promessas pelo método histórico, racional ou científico, apenas pode crer nesses resultados, portanto, é inevitável que traga consigo um aspecto de fé.

Dooyeweerd aponta que qualquer expansão do poder formativo da humanidade sobre o mundo resulta em uma manifestação crescente do pecado humano. A expansão do poder humano evidencia as tensões e idolatrias, jamais conduzindo ao paraíso terrestre prometido.

No fim das contas, o problema do significado da história gira em torno da questão: "Quem é o próprio homem e qual a sua origem e destino final?" Fora da revelação bíblica central da criação, queda no pecado e redenção por meio de Jesus Cristo, nenhuma resposta real pode ser encontrada para essa questão. Os conflitos e tensões dialéticas que ocorrem no processo de abertura da vida cultural humana resultam da absolutização do que é relativo. E cada absolutização tem sua origem no espírito da apostasia...¹⁹⁵

Portanto, nenhuma resposta que ignore a revelação bíblica e a obra de Jesus Cristo poderia apresentar o significado correto da história e do que é o ser humano. Sendo assim, nenhuma interpretação a respeito da realidade está correta se ignorar o fato de que quem atribui significado para toda criação é o Criador. Dooyeweerd afirma que para a cosmovisão cristã, Jesus é o centro da história e a vinda de seu Reino é o destino final:

¹⁹⁴ Se a teoria queer se tornasse a macronarrativa da sociedade, os cristãos seriam obrigados a abandonar ou mudar sua fé para aceitar a teoria queer. Contudo, ao obrigar o cristão a mudar, a teoria queer estaria ferindo o seu próprio axioma da liberdade autônoma do indivíduo. No fim, a teoria queer não consegue propor liberdade para todos, apenas para aqueles que concordam com seus pressupostos.

¹⁹⁵ DOOYEWEERD, 2018, p. 156.

Não haveria esperança futura para a humanidade e para todo o processo de desenvolvimento cultural humano, se Jesus Cristo não tivesse se tornado o centro espiritual da história mundial e o seu Reino o fim último desta. Este centro e finalidade da história mundial não se limitam à civilização ocidental ou a qualquer outra. Mas conduzirão a nova humanidade como um todo ao seu verdadeiro destino, uma vez que já conquistou o mundo pelo amor divino revelado em seu autossacrifício.¹⁹⁶

Para a cosmovisão cristã, a obra redentora de Cristo é o ápice da história. E a obra redentora será completa no ato da glorificação, com a segunda vinda de Cristo. Dooyeweerd apresenta o motivo religioso bíblico que é radicalmente diferente de todos os outros.

3.6 O motivo básico bíblico e a performance cristã

Os pilares fundamentais da cosmovisão cristã são "criação, queda no pecado e a redenção por Jesus Cristo como a Palavra Encarnada, na comunhão do Espírito Santo"¹⁹⁷. Eles têm um sentido radical como tema central da Palavra-revelação e servem de chave ao conhecimento. O Espírito Santo opera no coração humano, desvelando a Palavra de Deus em seu poder espiritual. O ser humano ouve e recebe. A regeneração é necessária para se compreender as verdades bíblicas. O intelecto é capacitado a entender e os compromissos do coração são transformados.

Dooyeweerd diz: "[...] a Palavra de Deus, penetrando a raiz de nosso ser, tem de tornar-se a força motriz central de toda a vida cristã dentro da ordem temporal com sua rica diversidade de aspectos, tarefas e esferas ocupacionais."¹⁹⁸. O motivo bíblico influencia todas as áreas da existência, moldando a interpretação da realidade, os compromissos religiosos, as ações, pensamentos e relacionamentos. A obra de Cristo renova a interpretação do ser humano a respeito de si mesmo, reorganiza as prioridades e desejos. A plenitude de significado da existência humana é refletir a imagem divina de seu Criador¹⁹⁹.

A teoria queer nega a transcendência do ego e seu impulso em relação à sua Origem. Para o cristão, o Criador é a fonte de sentido para toda a realidade e para o eu. Sendo assim, se existisse uma performatividade cristã²⁰⁰, ela não seria baseada em *scripts* e roteiros desenvolvidos pelo poder cultural e pelo desejo sempre fluido do indivíduo, a performatividade cristã seria fundamentada na Palavra-revelação e na *Imago Dei*,

¹⁹⁶ Ibid., 2018, p. 156.

¹⁹⁷ DOOYEWEERD, 2018, p. 237.

¹⁹⁸ Ibid., 2018, p. 237-238.

¹⁹⁹ Ibid., 2018, p.170.

²⁰⁰ Kevin Vanhoozer apresenta uma resposta à revolução linguística usando a metáfora do teodrama. O Espírito Santo é o dramaturgo e os cristãos são atores no teatro da glória de Deus que é a realidade. Uma ideia que se aproxima de uma performatividade cristã. cf. VANHOOZER, Kevin J. *O Drama da doutrina: uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2016.

especialmente revelada no caráter de Cristo. A partir da regeneração, a *Imago Dei* no ser humano é restaurada²⁰¹ e torna-se ainda mais central na vida humana.

Assim como o queer tem um aspecto de estranheza, o cristianismo também é estranho. Mas, sua estranheza se dá por alinhar sua performance aos mandamentos de Cristo. O eu queer é baseado nos desejos e no anseio pela liberdade de qualquer padrão. A vida cristã também tem aspectos performativos, mas amolda ações, gestos, comportamentos, no padrão de Cristo Jesus, conforme revelado nas Escrituras na comunhão com o Espírito Santo. Logo, o compromisso fundamental é radicalmente diferente, há um objetivo final claro, ser semelhante a Jesus. O queer intenta moldar a si mesmo, em autonomia. O cristão é moldado pelo Espírito Santo, o ego não é autônomo, mas obediente.

Na teoria queer, o autoconhecimento vem ao se identificar as relações sociais e suas raízes histórico culturais. O ego performativo e autônomo é o ponto arquimediano. Dooyeweerd descreve essa atitude assim: "Este [ego] é capaz de projetar seu próprio futuro e dizer ao seu passado: 'Eu não sou mais o que fui ontem. Meu futuro ainda está em minhas mãos. Posso me modificar. Posso criar meu futuro com minha própria força'."²⁰²

Na cosmovisão cristã, por outro lado, afirma-se que:

A redenção por Jesus Cristo em seu sentido bíblico radical significa o renascimento de nosso coração e deve revelar-se no todo de nossa vida temporal. Conseqüentemente, não pode haver um autoconhecimento real à parte de Jesus Cristo. E este autoconhecimento bíblico implica que toda a nossa visão de mundo e da vida precisa ser reformada em um sentido cristocêntrico.²⁰³

Para o cristão, o verdadeiro autoconhecimento só é possível pela obra do Espírito Santo agindo no coração. Essa ação coloca Cristo como eixo central. O conhecimento do homem a respeito de si mesmo carece do conhecimento a respeito de Deus²⁰⁴. A teoria queer nega o aspecto transcendente que possibilitaria a resposta a importantes questões sobre a identidade humana. Por negligenciar seu próprio aspecto religioso, a teoria queer absolutiza um aspecto relativo da criação que é insuficiente para dar sentido coeso à realidade.

Ao absolutizar a sexualidade, reduz-se o ser humano a um corpo dominado e determinado por desejos sexuais. A solução foi a tentativa de usar a performatividade queer como base para a liberdade. Contudo, a performatividade ainda tem o desejo como orientação e evita explicar sua origem para não reconhecer a que é subordinado. Assim, mantém a ilusão

²⁰¹ Não significa dizer que ela tenha se perdido por causa do pecado. Apenas que, por estar em pecado, o ser humano tem a imagem a respeito de si mesmo distorcida e perde de vista o verdadeiro sentido do ego.

²⁰² DOOYEWEERD, 2018, p. 227-228.

²⁰³ Ibid., 2018, p. 241.

²⁰⁴ Ibid., 2018, p. 35.

de liberdade plena e se restringe a apenas discutir a direção que as vontades podem tomar e mecanismos para garantir direito irrestrito, livre de normatização.

Segundo Dooyeweerd, a questão sobre a origem da humanidade e seu propósito não pode ser respondida satisfatoriamente à parte da revelação bíblica. As tentativas de respostas que excluem a Palavra-revelação incorrem em idolatria e resultam em visões de vida apóstatas. A Palavra é a única que pode desvelar a vaidade e a futilidade das cosmovisões apóstatas, e reformar a visão de mundo do indivíduo. Dooyeweerd diz:

A questão "O que é o homem? Quem é ele?" não pode ser respondida pelo próprio homem. Mas foi respondida pela Palavra-revelação que desvela a raiz religiosa e o centro da natureza humana em sua criação, queda no pecado, e redenção por Jesus Cristo. O homem perdeu o verdadeiro autoconhecimento desde que perdeu o verdadeiro conhecimento de Deus. Todos os ídolos do ego humano, que o homem projetou em sua apostasia, se quebram quando confrontados com a Palavra de Deus, que lhes desmascara a vaidade e o vazio. Somente esta Palavra, por meio de sua influência radical, pode gerar uma verdadeira reforma de nossa visão do homem e de nossa visão do mundo temporal;²⁰⁵

A reforma da cosmovisão evidencia que há um legislador que imprimiu na sua criação as leis e normas que a regem. Dooyeweerd diz "O pecado não pode destruir nada da criação de Deus, mas apenas dar-lhe uma *direção* apóstata"[grifo do autor]²⁰⁶.

A sexualidade é estrutural, criada por Deus, portanto, é boa. Contudo, direções apóstatas podem ser dadas a ela²⁰⁷. Na teoria queer, a sexualidade é uma proclamação de autonomia e independência que rejeita as normas. Mas, as normas são boas quando estão em conformidade com a vontade do Criador, pois, o Criador é bom. Normas se tornam más quando erguidas no espírito de apostasia. O anseio por se libertar das normas criacionais advém do desejo de emancipação, fruto do pecado. Somente com a regeneração, o ser humano é capaz de interpretar a realidade conforme os desígnios do Criador.

A teoria queer nega seu aspecto religioso, crê na autonomia humana e usa o historicismo e a linguística para dar sentido à realidade. Discursos e signos corpóreos culturais manufacturados, conteúdo da performatividade, são o núcleo organizador da vida e prometem um sujeito fluido e livre. Por outro lado, a cosmovisão cristã está alicerçada na Palavra-revelação e no motivo cristão. O núcleo organizador da vida é o coração, que pela ação milagrosa do Espírito Santo é transformado para ter uma perspectiva cristocêntrica, em um processo de santificação que remodela a identidade e a interpretação do mundo.

²⁰⁵ DOOYEWEERD, 2018, p. 244-245.

²⁰⁶ Ibid., 2018, p. 184.

²⁰⁷ DULCI, 2019, pos. 391.

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo, a pesquisa apresentou elementos fundamentais da filosofia da ideia cosmonômica, a fim de demonstrar como ela pode ser usada para uma análise de teorias e cosmovisões. Sua crítica transcendental é importante para examinar o que fundamenta as teorias além do aspecto racional. Essa filosofia demonstrou como absolutizações podem estar presentes por trás dos edifícios teóricos e que toda teoria tem caráter religioso.

Um de seus pressupostos fundamentais é a crença na existência de um Criador que estabelece as leis e normas para a realidade. A redescoberta do conceito bíblico de coração foi fundamental para o desenvolvimento de uma cosmovisão cristã mais profunda. Portanto, sua filosofia fornece uma abertura de perspectiva para análise dos fundamentos de diferentes filosofias e cosmovisões, possibilitando também a verificação de sua coerência com a realidade, seus diversos aspectos e as normas e leis presentes na criação.

O segundo capítulo apresentou a teoria queer, e as influências do pensamento de Butler e Foucault. A obra desses pensadores colocou a sexualidade e o gênero no centro da discussão do que é ser humano e fizeram da sexualidade um eixo de articulação social central na construção da sua visão de mundo. A teoria queer é uma ideologia, baseada na sexualidade e linguagem, que contesta as normas heterossexuais e propõe um mundo sem pessoas marginalizadas por conta de sua identidade de gênero. Ela afirma o gênero como performativo, independente do sexo biológico e do desejo. Por sua vez, a performatividade tem como fundamento um conjunto de discursos que servem de núcleo organizador da existência humana. Ela ainda defende uma visão de mundo que promete abrir portas para a construção de uma narrativa geral inclusiva que permita a construção de narrativas individuais livres.

O terceiro capítulo é uma leitura da teoria queer a partir dos pressupostos da filosofia reformacional. Nele demonstramos as respostas ao problema e hipótese desta pesquisa. A teoria queer é uma proposta de cosmovisão, uma ideologia que visa abranger todas as áreas da vida a partir dos princípios de autonomia, fluidez e livre desejo, para moldar uma sociedade que reconheça e afirme todas as possibilidades de sexualidade e identidade como iguais e legítimas. Há um equivalente do conceito bíblico de coração. A sexualidade, e o gênero, expressos em discursos linguísticos manufaturados, são o eixo articulador da interpretação do indivíduo a respeito de si e do mundo. A isso foi dado o nome de performatividade de gênero.

A relação da teoria queer com a cosmovisão cristã traz perguntas importantes. Elas se distanciam nas respostas. Ambos percebem normas regendo a realidade, para a teoria queer as

normas devem ser fluidas, para o cristão, as normas vem do Criador. Ambos percebem um núcleo organizador, contudo o que impulsiona o coração humano segundo a Bíblia é um motivo religioso em busca da Origem, enquanto o queer ignora o aspecto pístico. A teoria queer, entende o sentido da realidade a partir do historicismo, o cristianismo vê Cristo como centro da história e aquele que dá sentido a todas as coisas.

Desse modo, os pressupostos dooyeweerdianos podem contribuir para analisar e apresentar as absolutizações e pontos ignorados pela teoria queer. Especialmente no que tange ao conceito de coração e à relação com o transcendente que dá sentido às normas, sendo referência para o que é bom ou mau, ao que justo ou injusto e ao que é verdadeira liberdade.

Por fim, pretende-se que os dados apresentados sejam questionados e aprofundados por novas pesquisas que forneçam ainda mais aplicações da filosofia reformacional na interação com a teoria queer e com outras visões de mundo atuais, para o benefício da igreja e da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLBERRY, Sam. *Deus é contra os homossexuais?: a homossexualidade, a Bíblia e a atração por pessoas do mesmo sexo*. Trad. Caio Vidigal e Rogério Portella. Brasília, DF: Monergismo, 2018.

BRAUN JUNIOR, Guilherme. *Um método trinitário neocalvinista de apologética: Reconciliando a apologética de Van Til com a filosofia reformacional*. Brasília, DF: Academia Monergista, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 22a. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

_____. *Palestra no Seminário Queer* - Sesc São Paulo, em 10, agosto de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TyIAeedhKgc&t=4972s>>. Acesso em: 09 de agosto de 2022.

CLOUSER, Roy A. *O Mito da neutralidade religiosa: Um ensaio sobre a crença religiosa e seu papel oculto no pensamento teórico*. Trad. Fabrício Tavares e Rodolfo Amorim. 1ed. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2020. Edição do Kindle.

DOOYEWEERD, Herman. *No Crepúsculo do Pensamento Ocidental: estudo sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. Trad. Guilherme de Carvalho e Rodolfo Amorim de Souza. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.

_____. *Raízes da Cultura Ocidental: as alternativas pagã, secular e cristã*. Trad. Afonso Teixeira Filho. 1ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

DULCI, Pedro. *Identidade e sexualidade: reformando nossa visão de conceitos fundamentais*. Brasília, DF; Editora Monergismo, 2019. Edição do Kindle. pos. 354.

EQUIDADE: os princípios de Yogyakarta e os direitos LGBT+. **POLITIZE**, 2021. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/principios-de-yogyakarta-e-os-direitos-lgbt/>>. Acesso em: 18, agosto de 2022.

FONTES, Filipe. Disciplina de *Proposta Filosófica de Herman Dooyeweerd*, CPAJ, em 22 nov. 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza C. Albuquerque e J.A.G. Albuquerque. 13a Ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1988.

KALSBECK, L. *Contornos da filosofia cristã: A melhor e mais sucinta introdução à Filosofia Reformada de Herman Dooyeweerd*. Trad. Rodrigo Amorim de Souza. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2015. Edição do Kindle.

KOYZIS, David. *Visões e Ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas*. 1a ed. Vida Nova: São Paulo, 2014.

_____. *Visões e Ilusões políticas*: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas. 2a ed. ampliada e atualizada. Vida Nova: São Paulo, 2021

LGBTQIAPN+: mais do que letras, pessoas. **UFSC Diversifica**, 2021. Disponível em: <<https://diversifica.ufsc.br/2021/06/25/lgbtqiapn-mais-do-que-letras-pessoas/>>. Acesso em: 15, agosto de 2022.

LINGUÍSTICA queer, **Wikipédia**, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%ADstica_queer/>. Acesso em 01 de set. de 2022.

LUC, Alex. *In Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

NAUGLE, David K. *Cosmovisão*: a história de um conceito. Trad. Marcelo Herberts. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.

OS PRINCÍPIOS de Yogyakarta: Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Yogyakarta, Indonésia, 2006. p. 7.

MISKOLSCI, Richard. *"O que é Queer?"*, Seminário Queer - Sesc São Paulo, em 9, agosto de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ar19rH0H6lM&t=4409s>>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

PEARCEY, Nancy. *Love Thy Body*: answering hard questions about life and sexuality. Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 2018. Edição do Kindle.

PROGRAMAÇÃO I SEMINÁRIO QUEER: cultura e subversões das identidades. **Portal Sesc SP**, 2015. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/9299_PROGRAMACAO+DO+I+SEMINARIO+QUEER#>. Acesso em: 15, agosto de 2022.

REICHOW, Josué. *Reformai a vossa mente*: a filosofia cristã de Herman Dooyeweerd. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019.

REIS, Toni (org.). *Manual de comunicação LGBTI+*: substitua preconceito por informação correta. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. p. 22.

RIBEIRO, Arilda. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 295-298, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

RODRIGUES, C; QUARTIM, M; FRATESCHI, Y; *Entrevista Judith Butler*. Margem Esquerda - Revista da Boitempo, São Paulo, n.33, p. 11-22, outubro, 2019.

RODRIGUES, Carla. *"Introdução a Judith Butler"*, Centro de Pesquisa e Formação - Sesc, em 26, março de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VVgT_3nDb8g>. Acesso em: 08 de agosto de 2022.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Trad. Guacira Lopes Louro. 1a. edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SIRE, James. *Dando nome ao elefante: cosmovisão como um conceito*. Trad. Paulo Zacarias e Marcelo Herberts. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

SIRE, James. *O Universo ao Lado: um catálogo básico sobre cosmovisão*. Trad. Marcelo Herberts. 5ed. Brasília, DF: Editora Monergismo. 2018. Edição do Kindle.

Sexual Orientation and Gender Identity (SOGI) Discrimination. U.S. Equal Employment Opportunity Commission, 2020. Disponível em: <<https://www.eeoc.gov/sexual-orientation-and-gender-identity-sogi-discrimination>>. Acesso em: 15, agosto de 2022.

SMITH, James K. *Who's Afraid of Postmodernism?: taking Derrida, Lyotard and Foucault to church*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006. Edição do Kindle.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase, orientações pós seculares*. Trad. Heci R. Candiani. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TRUEMAN, Carl. R. *Strange New World: How Thinkers and Activists Redefined Identity and Sparked the Sexual Revolution*. Wheaton, IL: Crossway, 2022. Edição do Logos.

VANHOOZER, Kevin J. *O Drama da doutrina: uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2016.

VERBURG, Marcel. *Herman Dooyeweerd: The life and work of a Christian Philosopher*. Ontario: Paideia Press, 2015.

WOLTERS, Albert M. *A Criação Restaurada: A base bíblica da cosmovisão reformada*. Trad. Denise Meister. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2019.